

www.salaescuradatortura.com.br

EXPOSIÇÃO SALA ESCURA DA TORTURA

INSTITUTO FREI TITO DE ALENCAR

EXPOSIÇÃO



Exhibition Dark Room of Torture

Julio Le Parc
Gontran Guanaes Netto
Alejandro Marcos
Jose Gamarra

Iniciativa | Presented by:



INSTITUTO
FREI TITO
DE ALENCAR

Patrocínio | Sponsorship:

Projeto
Marcas da Memória

Comissão de
Anistia

Ministério da
Justiça



INSTITUTO
FREI TITO
DE ALENCAR



Exposição
Sala Escura da Tortura
Exhibition Dark Room of Torture

Agosto de 2011 | *August, 2011*

Presidenta da República | *President of the Republic*

DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Justiça | *Minister of Justice*

JOSÉ EDUARDO CARDOZO

Secretário-Executivo | *Executive Secretary*

LUIZ PAULO BARRETO

Presidente da Comissão de Anistia | *President of the Commission of Amnesty*

PAULO ABRÃO

Vice-presidentes da Comissão de Anistia | *Vice-presidents of the Commission of Amnesty*

EGMAR JOSÉ DE OLIVEIRA

SUELI APARECIDA BELLATO

Secretário-Executivo da Comissão de Anistia
Executive Secretary of the Commission of Amnesty
MULLER LUIZ BORGES

Coordenação-Geral de Memória Histórica
da Comissão de Anistia | *General Coordination of
the Historic Memory of the Commission of Amnesty*
MARCELO D. TORELLY

Coordenação de Projetos | *Coordination of Projects*
ROSANE CAVALHEIRO CRUZ

Divisão de Ações de Memória | *Division of
Memory Actions*
ALAN CRUZ MURADA
ALINE AGNES VIEIRA MACABEU
ANA LUIZA MORAES PATRÃO
BIANCA DE MOURA RODRIGUES
EDUARDO HENRIQUE FALCÃO PIRES
HUDSON PEREIRA CUNHA (estagiário | *intern*)
PRISCILLA HOFFMANN MERCADANTE
WALLISON DOS SANTOS MACHADO
(estagiário | *intern*)

Conselheiros da Comissão de Anistia
Board Members of the Commission of Amnesty
ALINE SUELI DE SALLES SANTOS
ANA MARIA GUEDES
ANA MARIA LIMA DE OLIVEIRA
EDSON CLÁUDIO PISTORI
ENEÁ DE STUTZ E ALMEIDA
HENRIQUE DE ALMEIDA CARDOSO
JOSÉ CARLOS MOREIRA DA SILVA FILHO
JUVELINO JOSÉ STROZAKE
LUCIANA SILVA GARCIA
MÁRCIA ELAYNE BERBICH DE MORAES
MÁRCIO GONTIJO
MARIA EMÍLIA GUERRA FERREIRA
MARINA DA SILVA STEINBRUCH
MÁRIO MIRANDA DE ALBUQUERQUE
NARCISO FERNANDES BARBOSA
PRUDENTE JOSÉ DA SILVA MELLO
RITA MARIA DE MIRANDA SIPAHI
ROBERTA CAMINEIRO BAGGIO
RODRIGO GONÇALVES DOS SANTOS
VANDA DAVI FERNANDES DE OLIVEIRA
VIRGINIUS JOSÉ LIANZA DA FRANCA

Esta é uma produção independente, financiada pelo Projeto Marcas da Memória da Comissão de Anistia. As opiniões e dados nele expressos não traduzem opiniões ou políticas do Ministério da Justiça e do Governo Federal.

This is an independent production financed by the Project Marcas da Memória of the Commission of Amnesty. The opinions and data express on them do not reflect opinions of policies of Ministry of Justice and the Federal Government.

Catálogo na Fonte
Bibliotecária Perpétua Socorro T. Guimarães
CRB 3/ 801

INSTITUTO FREI TITO DE ALENCAR

Exposição Sala Escura da Tortura./ Coordenação de projeto por Lúcia Rodrigues Alencar Lima; tradução por Pablo de Vasconcelos Negócio - Fortaleza: Instituto Frei Tito, 2011.

68 p. ilut.

ISBN:978-85-7563-834-7

(Textos paralelos em português e inglês)

1. Memória -Anistia (exibição de telas) I. Lima, Lúcia Rodrigues Alencar II. Negócio, Pablo de Vasconcelos III. Título

CDD: 981.062

Dedicamos este trabalho a memória de Frei Tito de Alencar Lima e a todos aqueles que sofreram e sofrem perseguição política no Brasil e no mundo.

We dedicate this work to the memory of Friar Tito de Alencar Lima and all of those who suffered and suffer with the political persecution in Brazil and in the world.



INSTITUTO FREI TITO DE ALENCAR

Diretor Geral | *General Director*
JOÃO RODRIGUES ALENCAR LIMA

Diretora Administrativa | *Management Director*
MARIA LOURDES DOS SANTOS

Diretora Financeira | *Director Financial*
LÚCIA RODRIGUES ALENCAR LIMA

Conselho Fiscal | *Fiscal Board*
GLÓRIA MARIA VASCONCELOS GOES
OLGA MARIA MACIEL
PIETRO SARTOREL

Conselho Consultivo | *Consulting Board*
FRANCISCO RÉGIS LOPES RAMOS
NILDES ALENCAR LIMA
ILDEFONSO RODRIGUES LIMA FILHO
ILDEFONSO RODRIGUES LIMA NETO

Sócios Fundadores | *Founding Members*
FREI BETTO
FREI FERNANDO DE BRITO
DOM TOMÁS BALDUÍNO
JOÃO ANTÔNIO CALDAS VALENÇA
MARCO ANTÔNIO DE PONTES SOARES
TIAGO DE ALENCAR MENDES
YANAKEIV DE LIMA FARIAS

EXPOSIÇÃO | *EXHIBITION*

Curadoria | *Curatorship*
GONTRAN GUANAES NETTO
LÚCIA RODRIGUES ALENCAR LIMA

Planejamento e Produção Executiva | *Executive Planning and Production*
LÚCIA RODRIGUES ALENCAR LIMA

Cenografia e Iluminação | *Scenery and Lighting*
JULIO LE PARC
BIRA NOGUEIRA

Coordenação Artística e Sonora | *Artistic and Sound Coordination*
TIAGO DE ALENCAR MENDES

Intervenção Sonora | *Sound Intervention*
NARCÉLIO GRUD

Performance "Sala Clara da Tortura" | *Performance "Light Room of Torture"*
GRUPO CURTO CIRCUITO (DAVI DA PAZ E NAIANA CABRAL)

Tradução | *Translation*
PABLO DE VASCONCELOS NEGÓCIO

Revisão | *Revision*
LUCIANA ANDRADE

Assessoria de Comunicação | *Communication Advisory*
ELIAN DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Projeto Gráfico | *Graphic Project*
WCOM PUBLICIDADE

Design/Produção Gráfica | *Design/Graphic Production*
WEYNE VASCONCELOS

Impressão | *Press*
EXPRESSÃO GRÁFICA

Acesse o site | *Visit our website*
www.salaescuradatortura.com.br

Agradecemos a todos que contribuíram para a realização dessa exposição e a elaboração deste catálogo. Em especial:

- Comissão de Anistia - Ministério da Justiça
- Julio Le Parc, pelo incentivo e as fotos inéditas que nos cedeu gentilmente
- Gontran Guanaes Netto, pelo seu apoio e solidariedade incondicional.

We thank all who contributed to the accomplishment of this exhibition and the development of this catalog. In particular:

- Commission of Amnesty - Ministry of Justice
- Julio Le Parc, for the incentive and the unseen pictures he so gently provided us
- Gontran Guanaes Netto, for his unconditional support and solidarity.



Frei Tito no Convento de La Tourette, França, 1973
Friar Tito in the Convent of La Tourette, France, 1973

Sumário

Contents

Inter(ação) Educativa do Instituto Frei Tito de Alencar <i>Educational Inter(action) of Instituto Frei Tito de Alencar</i>	11
Sala Escura da Tortura: Nunca Mais <i>Dark Room of Torture: Never More</i>	14
Marcas da Memória: Um Projeto de Memória e Reparação Coletiva para o Brasil <i>Marcas da Memória: A Project of Collective Memory and Reparation for Brazil</i>	17
"Bem, o pau de arara é assim..." <i>"Well, the parrot's perch is like this..."</i>	23
Frei Tito: Memória e Mistério <i>Friar Tito: Memory and Mystery</i>	29
A Ditadura Militar e a Tortura no Brasil <i>The Military Dictatorship and Torture in Brazil</i>	35
A Anistia Possível da Lei 6.683/79 <i>The Possible Amnesty of Law 6.683/79</i>	45
Relato da Tortura de Frei Tito <i>Friar Tito's Statement on His Torture</i>	53
Os Artistas <i>The Artists</i>	60
As Obras de Arte <i>Works of Art</i>	62

Inter(ação) Educativa do Instituto Frei Tito de Alencar

*Educational
Inter(action)
of Instituto
Frei Tito
de Alencar*

Lúcia Rodrigues Alencar Lima

Coordenadora do Projeto Sala Escura da Tortura
e Membro do Instituto Frei Tito de Alencar

Lúcia Rodrigues Alencar Lima

*Coordinator of Project Dark Room of Torture
and Member of Instituto Frei Tito de Alencar*

O Instituto Frei Tito de Alencar, por meio do projeto *Marcas da Memória* da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, apresenta a exposição *Sala Escura da Tortura*.

A exposição foi concebida e exibida pela primeira vez em Paris no ano de 1973, por iniciativa dos grupos *Denúncia* (Julio Le Parc, Gontran Guanaes Netto, Alejandro Marcos e Jose Gamarra) e *Collectiv anti Faciste*. Nasceu dos depoimentos de Frei Tito de Alencar sobre os métodos de tortura utilizados pela ditadura no Brasil, nasceu para denunciar as mais profundas arbitrariedades cometidas contra presas e presos políticos na América Latina.

Compreendendo que o desenvolvimento da educação para os direitos humanos é um objetivo fundamental para o Instituto Frei Tito de Alencar, apresentamos uma exposição de pintura de quadros de quatro artistas plásticos renomados internacionalmente, procurando sensibilizar o público a compreender passagens de nossa história e as relações com o presente. O intuito não é de simplesmente mostrar o que

*The Instituto Frei Tito de Alencar, through the project *Marcas da Memória* of the Commission of Amnesty of the Ministry of Justice, presents the exhibition *Dark Room of Torture*.*

*The exhibition was conceived for the first time in Paris in the year of 1973, by the initiative of the groups *Denúncia* (Julio Le Parc, Gontran Guanaes Netto, Alejandro Marcos e Jose Gamarra) and *Collectiv anti Faciste*. Born out of the statements of Friar Tito de Alencar on the methods of torture used by the dictatorship in Brazil, born to denounce the deepest arbitrary actions against the men and women political prisoners in Latin America.*

I understand that the development of the education for human rights is a fundamental objective to Instituto Frei Tito de Alencar, we present an exhibition of canvas of four internationally renown visual artists, seeking to sensibilise the public to understand the passages o four story and our relation to the present. The idea is not of simply showing what happened, but also to point to a timeline, up to a point where a struggle for human rights in Brazil continues to demand from the population a historically founded reflection.

aconteceu, mas também apontar uma linha do tempo, na medida em que a luta pelos direitos humanos no Brasil continua a exigir da população uma reflexão historicamente fundamentada.

A educação, tal como é entendida pelo Instituto Frei Tito de Alencar, não se resume a atividades realizadas no espaço da sala de aula. Compreende as várias maneiras pelas quais os seres humanos constituem seus valores, referências e perspectivas, nos mais diferentes lugares de convivência. Isso significa que a construção de uma sociedade mais justa deva necessariamente passar pela renovação das práticas educativas, abrindo vias de acesso à reflexão crítica sobre a nossa condição de criadores e criaturas.

Este catálogo foi elaborado no intento de registrar a caminhada dessas obras históricas e confirmar sua atualidade ao

Education, such as understood by Instituto Frei Tito de Alencar, is not reduced to activities performed inside a classroom. It comprehends the several ways through which human beings constitute their values, references and perspectives, on the most different places of living. This means that the construction of a fairer society must necessarily undergo through the renovation of its educational practices, opening new ways of access to a critical reflection on our condition as creators and creatures.

This catalogue was elaborated with the intention of registering the journey of these historical pieces and confirming their present nature fulfilling its role of denunciation. Today, 38 years later to the first reports which brought together citizen impulse and arts, children and young people die in Brazil, victims of the same methods of torture used by the dictatorships in our hemisphere.

In a sense of contribution to a critical reflection on the matters



Fotografia de Julio Le Parc das performances dos atores, baseada nos relatos de Frei Tito e produzida no atelier do artista em Paris, 1972. Esta e as demais fotografias de tortura a seguir - até então inéditas - serviram de referência para a execução das pinturas e foram gentilmente cedidas pelo artista | Julio Le Parc's picture of actor's performances, based on the statements of Friar Tito and produced in the artist's studio in Paris, 1972. The remaining pictures of torture as follows - never before presented - served as reference for the execution of the paintings and were gently granted by the artist



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

continuar cumprindo o papel de denúncia. Hoje, 38 anos depois das primeiras denúncias que uniram o impulso cidadão e as artes, crianças e jovens morrem no Brasil, vítimas dos mesmos métodos de tortura utilizados pelas ditaduras em nosso hemisfério.

No sentido de contribuir para uma reflexão crítica sobre a questão das ditaduras na América e o papel da justiça de transição no Brasil, o catálogo apresenta sete textos, de leitura acessível e fluente, que promovem a discussão de uma ferida que ainda não está cicatrizada e mostra que uma página será virada quando a verdade estiver ao alcance de todos estimulando um debate corajoso, amplo e democrático da nossa história, nossas mazelas e nossas conquistas.

of the dictatorships in America and the role of transition justice in Brazil, the catalogue presents seven texts, of accessible and fluent reading, which promotes the discussion of a wound that has not yet healed and shows that a page will be turned when truth is at the grasp of all stimulating a brave debate, broad and democratic of our history, of our mistakes and of our conquests.

Sala Escura da Tortura: Nunca Mais

*Dark Room
of Torture: Never More*

Paulo Abrão Pires Júnior

Presidente da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça

Paulo Abrão Pires Júnior

President of the Amnesty Commission of the Ministry of Justice

Por meio de seu projeto "Marcas da Memória", a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça permite que venha a público, novamente, em diferentes cidades do Brasil, a exposição "Sala Escura da Tortura". Apresentada originalmente em 1973 no Museu de Arte Moderna de Paris, esta exposição vale-se da perspectiva crítica das artes para denunciar aquilo que o conceito de humanidade mais abomina: a tortura.

Inspiração nos relatos de Frei Tito durante seu exílio na França, as sete telas que compõem a exposição ilustram de modo tristemente realista aquilo que a Comissão de Anistia recebe por meio de relatos escritos e testemunhos sofridos diuturnamente, em seu trabalho de reparar as vítimas do Estado de exceção, e devem ser vistas por duas razões fundamentais. Primeiramente, para que todos aqueles que criticam o processo de reparação possam visualizar aquilo que muitos ainda tentam negar ter existido: a prática de tortura enquanto política de Estado em nosso país. Em segundo lugar, para que o maior número de pessoas possa ser tocado pelo horror que a tortura representa, opondo-se em definitivo à possibilidade de tais atos atrozes a qualquer tempo, local ou circunstância.

Through the project "Marcas da Memória", the Amnesty Commission of the Ministry of Justice allows to come to public, again, in different cities in Brazil, the exhibition "Sala Escura da Tortura (Dark Room of Torture)". Presented originally in the Museum of Modern Art in Paris, in 1973, this exhibition takes advantage of the critic perspective of arts to stand against that to what the concept of humanity most abominates: torture.

Inspired in the reports of Friar Tito during his exile in France, the seven canvas which compose this exhibition in a sad real realistic manner that which the Amnesty Commission receives through written and verbal statements long lasted suffered in its work of making up with the victims of the State of Exception, and this must seen by two fundamental reasons. First of all, in order for those who criticize the reparation process to visualize that which they still deny ever existed: the practice of torture as a State policy in our country. In second place, so that the largest number of people be touched by the horror that torture represents, definitely opposing themselves to the possibility of such atrocious acts at any time, place or circumstance.



Frei Tito em seu exílio, França, 1974 | Friar Tito in his exile, France, 1974

Se um dia a tortura aconteceu e, o que é mais grave, ainda acontece em tantos lugares, é porque fomos incapazes, enquanto sociedade, de compreender o valor máximo que o ser humano possui em nosso sistema político. É dever do Estado disseminar esta visão humanista, inscrita em nossa Constituição democrática. É, ainda mais especialmente, dever da Comissão de Anistia não permitir que isso seja esquecido, para que jamais se repita. Esperamos, portanto, com o apoio a esta exposição, dar cumprimento a nosso dever legal de reparar violações do passado para construir um futuro melhor e, ao mesmo tempo, prestar uma homenagem à memória de Frei Tito, exemplo de resistência, engajamento e dignidade em favor dos injustiçados. Sua capacidade de sensibilizar as pessoas por um mundo melhor extrapola o seu plano existencial. Eis o seu legado eterno.

If torture one day happened and, which is even graver, it still happens in so many places, it does because we were incapable, as a society, of understanding the maximum value the human being holds in our political system. It is the duty of the state to spread this humanistic view, written in our democratic constitution. It is even more specially, the Amnesty's Committee's duty not to allow it to be forgotten, so it does never repeat itself. We hope, therefore, that with, the support of this exhibition, of fulfilling our legal duties of making emends to the violations of the past in order to build a better future and, at the same time, to present an homage to Friar Tito, an example of resistance, engagement and dignity in favor of those who wrongly done by. His ability to move people for a better world outstands his existential plan. Hence his legacy is forever.



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture



Marcas da Memória:

Um Projeto de Memória e Reparação Coletiva para o Brasil

*Marcas da Memória:
A Project of Collective
Memory and
Reparation for Brazil*

*Amnesty Commission
of the Ministry of Justice*

Comissão de Anistia do Ministério da Justiça

Criada há dez anos, em 2001, por meio de medida provisória, a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça passou a integrar em definitivo a estrutura do Estado brasileiro no ano de 2002, com a aprovação de Lei nº 10.559, que regulamentou o artigo 8º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Tendo por objetivo promover a reparação de violações de direitos fundamentais praticadas entre 1946 e 1988, a Comissão configura-se em espaço de reencontro do Brasil com seu passado, subvertendo o senso comum da anistia enquanto esquecimento. A Anistia no Brasil significa, a contrário senso, memória. Em seus 10 anos de atuação, o órgão reuniu milhares de páginas de documentação oficial sobre a repressão no Brasil e, ainda, centenas de depoimentos, escritos e orais, das vítimas de tal repressão. E é deste grande reencontro com a história que surgem não apenas os fundamentos para a reparação às violações como, também, a necessária reflexão sobre a importância da não repetição destes atos de arbitrio.

Se a reparação individual é meio de buscar reconciliar cidadãos violados, que têm então a oportunidade de ver o Estado reconhecer que errou para com eles, devolvendo-lhes a cidadania e o patrimônio roubados, por sua vez, as reparações coletivas, os projetos de memória e as ações para a não

Created 10 years ago, in 2001, by means of interim measure, The Amnesty Commission of the Ministry of Justice has been made part indefinitely of the structure of the Brazilian State in the year of 2002, with the approval of Law number 10.559, which regulated article 8º of Transitional Constitutional Provisions Act.

Having for an objective the reparation of the violations of the fundamental rights practiced between 1946 and 1988, the Commission configures a space where Brazil can face its past, subverting the common sense of amnesty for oblivion. Amnesty in Brazil means, against common sense, memory. In its 10 years of action, the organ gathered thousands of pages of official documentation about the repression on Brazil and, yet, hundreds of statements, in writing and oral, from victims of repression. And it is from this great meeting with History that emerge not only the fundamentals of the reparation to the violations but, also, the necessary reflection on the importance of not repeating these arbitrary actions.

If individual reparation is through means of seeking reconciling violated citizens, who have so the opportunity of seeing the State recognize it has wrong them, giving them back their citizenship and their stolen possessions, on their turn, collective reparations, memory projects and actions as of non-repetition has clear



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

repetição têm o claro objetivo de permitir a toda a sociedade conhecer, compreender e, então, repudiar tais erros. A afronta aos direitos fundamentais de qualquer cidadão singular igualmente ofende a toda a humanidade que temos em comum e é por isso que tais violações jamais podem ser esquecidas. Esquecer a barbárie equivaleria a nos desumanizarmos.

Partindo destes pressupostos e, ainda, buscando valorizar a luta daqueles que resistiram – por todos os meios que entenderam cabíveis –, a Comissão de Anistia passou, a partir de 2008, a realizar sessões de apreciação pública em todo o território dos pedidos de anistia que recebe, de modo a tornar o passado recente acessível a todos. São as chamadas “Caravanas da Anistia”. Ao fazê-lo, transferiu seu trabalho cotidiano das quatro paredes de mármore do Palácio da Justiça para a praça pública, para escolas e universidades, associações profissionais e sindicatos, bem como a todo e qualquer local onde perseguições ocorreram. Assim, passou a ativamente

objective of allowing all society of understanding, comprehending and, then, rejecting such mistakes. The attack on fundamental rights of any particular citizen equally offends all humanity we have in common and for that reason such violations must never be forgotten. Forgetting the barbarity would mean to dehumanize ourselves.

Baring these assumptions in mind, still, hoping to value the struggle of those who endured – by all means seen fit –, the Amnesty Commission, from 2008, by displaying sessions for public view wherever request for amnesty are received, in such a way to make recent past accessible to all. They are called “Caravanas da Anistia (Caravans of Amnesty)”. By doing so, it transferred its daily work from the four marble walls of the Palace of Justice to the public square, to schools and to universities, professional associations and unions, as well as to wherever the precessions occurred. Hence, it started to actively spring awareness into the minds of the new generations, born in democracy, of today’s

conscientizar as novas gerações, nascidas na democracia, da importância de hoje vivermos em um regime livre, que deve e precisa seguir sempre sendo aprimorado.

Com a ampliação do acesso público aos trabalhos da Comissão, cresceu exponencialmente o número de relatos de arbitrariedades, prisões e torturas, mas também pode-se romper o silêncio para ouvir centenas de depoimentos sobre resistência, coragem, bravura e luta. É neste contexto que surge o projeto “Marcas da Memória”, que expande ainda mais a reparação individual em um processo de reflexão e aprendizado coletivo, fomentando iniciativas locais, regionais e nacionais que permitam àqueles que viveram um passado sombrio, ou que a seu estudo se dedicaram, dividir leituras de mundo que permitam a reflexão crítica sobre um tempo que precisa ser lembrado e abordado sob auspícios democráticos.

Para atender a estes amplos e inovadores propósitos, as ações do “Marcas da Memória” estão divididas em quatro campos:

- a) **Audiências Públicas:** Atos e eventos para promover processos de escuta pública dos perseguidos políticos sobre o passado e suas relações com o presente. Exemplos destas audiências têm sido as sessões temáticas ocorridas desde 2008 sobre as diferentes categorias profissionais de trabalhadores e sindicalistas demitidos arbitrariamente na ditadura, bem como as audiências públicas sobre os limites e possibilidades para a responsabilização dos torturadores do regime militar ocorrida em Brasília (2008) e, mais recentemente, sobre o regime jurídico do anistiado político militar, ocorrida no Rio de Janeiro (2010);
- b) **História Oral:** Entrevistas com perseguidos políticos baseadas em critérios teórico-metodológicos próprios da História Oral. O primeiro projeto em andamento realiza 108 entrevistas, gravadas, filmadas e transcritas, de pessoas que vivenciaram histórias atreladas à resistência nos períodos de ditadura e contempladas pela Lei nº 10.559/2002. É realizado em parceria com as Universidades Federais de Pernambuco (UFPE), Rio Grande do Sul (UFRGS) e Rio de Janeiro (UFRJ), com o financiamento do Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos – CFDD (2009-2010). Todas as entrevistas ficarão disponíveis no Memorial da Anistia e poderão ser disponibilizadas nas bibliotecas e centros de pesquisa das universidades participantes do projeto para acesso da juventude, sociedade e pesquisadores em geral;

importance of living in a free regime, that it must and needs to be always followed and enhanced.

With the broadening of public Access to the works of the Commission, grow exponentially the number of reports of the arbitrary acts, prisons and tortures, but also they may also break the silence to hear hundreds of statements about resistance, courage, bravery and struggle. It is in this context that comes this project “Marcas da Memória”, which expands even more the individual reparation in a process of reflection and collective learning, fomenting local, regional and national initiatives that will allow those who have lived in that dark past, or to its study have dedicated themselves, to share worldly perspectives which will allow the critic reflection over a time must be remembered and approach under democratic auspices.

In order to attend to these broad and innovative purposes, the actions of “Marcas da Memória” are divided into four fields:

- a) **Public Hearings:** Acts and events to promote public hearing processes of politically persecuted about the past and their relation to the present. Examples of these hearings have been theme sessions which have been happening since 2008 on different professional categories of workers union members who were made arbitrarily redundant during the dictatorship period, as well as the public hearings on the limits and possibilities as to holding responsible torturers of the military regime which occurred in Brasília (2008) and, more recently, on the judicial military political amnesty occurred in Rio de Janeiro (2010);
- b) **Oral History:** Interviews with the politically persecuted based on Oral History’s own theoretic-methodological criteria. The first project in motion performs 108 interviews, recorded, filmed and transcribed, of people who used to live stories intertwined to the resistance in the periods of the dictatorship and contemplated by Law number 10.559/2002. It accomplished in partnership with Federal Universities of Pernambuco (UFPE), Rio Grande do Sul (UFRGS) and Rio de Janeiro (UFRJ), with funding from the Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos (Federal Manager Board of the Diffuse Rights’ Defense) – CFDD (2009-2010). All interviews will be available in the Memorial da Anistia (Amnesty Memorial) and be made available on libraries and research centers in participant universities to the project for the access of youth, society and researchers in general;
- c) **Call for Submissions for Fomenting to the Initiative of Civil Society:** By means of Call for Submissions, the Commission selects projects for preserving, memory, dissemination an

c) **Chamadas Públicas de Fomento à Iniciativas da Sociedade**

Civil: Por meio de Chamadas Públicas, a Comissão seleciona projetos de preservação, de memória, de divulgação e difusão advindos de Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) e Entidades Privadas Sem Fins Lucrativos. No Primeiro Chamamento Público realizado em 2010, as propostas selecionadas elaboraram produtos como livros, documentários, materiais didáticos e informativos, exposições artísticas, peças teatrais, palestras e musicais. Entre os produtos selecionados, estão o documentário "Caravanas da Democracia", sobre a atuação da Comissão de Anistia; Livro "Caravanas da Anistia - O Brasil pede perdão"; "Repare Bem", documentário sobre os filhos dos perseguidos políticos; documentário sobre 24 ex-presas políticas da Colônia Penal do Bom Pastor de Recife; "Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça", exposição de painéis com fotos e textos sobre os 30 anos da Lei de Anistia; "Filha da Anistia", peça teatral com 27 apresentações gratuitas em seis Estados; "Resistir é Preciso", palestra musical sobre a luta pela anistia e democracia, oficinas de debates e criação de Centros Culturais de Direitos Humanos para a paz; "Tempo de Resistência", musical sobre marcos da ditadura; "Sala Escura da Tortura", exposição da obra de quatro artistas plásticos renomados internacionalmente, sobre protestos à violação de direitos humanos;

d) **Publicações:** Com o propósito de publicar uma coleção de livros de memórias dos perseguidos políticos, dissertações e teses de doutorado sobre o período da ditadura e a anistia no Brasil, além de reimprimir ou republicar outras obras e textos históricos e relevantes e registrar anais de diferentes eventos sobre anistia política e justiça de transição. Sem fins comerciais ou lucrativos, todas as publicações são distribuídas gratuitamente, especialmente para escolas e universidades. O primeiro desses livros foi publicado com os Anais do Seminário Luso-Brasileiro sobre Repressão e Memória Histórica (2009) e com os Anais do Seminário Internacional sobre Anistias na Era da Responsabilização, em parceria com a Universidade de Oxford (2010). Mais recentemente, publicou-se o livro de elaboração do Grupo Amigos de 68, com 100 escritos de 100 perseguidos políticos (2011).

O projeto "Marcas da Memória" reúne depoimentos, sistematiza informações e fomenta iniciativas culturais que permitam a toda a sociedade conhecer o passado e dele extrair lições para o futuro. Reitera, portanto, a premissa que apenas conhecendo o passado podemos evitar sua repetição no futuro,

distribution coming from the Public Interest Non-Governmental Organization (NGO) and Privately Owned Non-for-Profit Organizations. On the First Call for Submissions performed in 2010, the selected proposal elaborated products, such as: books, documentaries, courseware and newsletters, art exhibits, plays, lectures and musicals. Among the selected product are: "Caravanas da Democracia (Caravans of Democracy)", documentary on the actions of the Amnesty Commission; the book "Caravanas da Anistia - O Brasil pede perdão (no title in English)"; "Repare Bem (no title in English)", documentary on the children of the politically persecuted; documentary on 24 former political prisoners of the Penal Colony of Bom Pastor de Recife; "Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça (no title in English)", exhibition of panels with pictures and texts on the 30 years of the Amnesty Law; "Daughter of the Amnesty", theatrical play with 27 free performances in six States; "Resistir é Preciso (no title in English)", musical lectures on the struggle for amnesty and democracy, debate workshops and the creation of Human Rights' Cultural Centers for peace; "Tempo de Resistência (no title in English)", musical of the milestones of the dictatorship; "Sala Escura da Tortura - Dark Room of Torture", exhibition of the works of four visual internationally renowned artists, about protests against the violation of human rights;

d) Publications: With the purpose of publicizing a collection of memoirs of the politically persecuted; dissertations and doctorate thesis about the dictatorship period and the amnesty in Brazil, moreover to reprint or republish other works and relevant and historical texts and register logs of different events on political amnesty and transition justice. Without commercial or profitable ends, all publications are distributed freely, specially to schools and universities. The first of these books was published with the Anais do Seminário Luso-Brasileiro sobre Repressão e Memória Histórica (Annals of the Brazilian-Portuguese Seminar on Repression and Historic Memory) (2009) and with the Anais do Seminário Internacional sobre Anistias na Era da Responsabilização em parceria com a Universidade de Oxford (Annals of the International Seminar on Amnesties in the Era of Accountability in partnership with the University of Oxford) (2010). Most recently, it has been published a book with the elaboration of Grupo Amigos de 68, with 100 writings from 100 political persecuted (2011).

The project "Marcas da Memória" gathers statements, systematizes information and foments cultural initiatives which allow all society to know the past from it extract lessons for the future. It reiterates, therefore, the premise that only by knowing the



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

fazendo da Anistia um caminho para a reflexão crítica e o aprimoramento das instituições democráticas. Mais ainda: o projeto investe em olhares plurais, selecionando iniciativas por meio de edital público, garantindo igual possibilidade de acesso a todos e evitando que uma única visão de mundo imponha-se como hegemônica ante as demais.

Espera-se, com este projeto, permitir que todos conheçam um passado que temos em comum e que os olhares históricos anteriormente reprimidos adquiram espaço junto ao público, para que, assim, o respeito ao livre pensamento e o direito à verdade histórica disseminem-se como valores imprescindíveis para um Estado plural e respeitador dos direitos humanos.

past we may avoid its repetition in the future, making Amnesty a path to critic reflection and improvement of the democratic institutions. Furthermore: the project invests in plural views, selecting initiatives by means of public notice, warranting equal possibility of access to all and avoiding that one single worldly view imposes as hegemonic before the others.

It is hoped that, with this project, it allows all to know about the past that we have in common and the historical views in the past repressed gain space with the public so that, in that way, the respect to free thinking and right to the historical truth spread as indispensable values for a plural State respectful of human rights.



“Bem, o pau de arara é assim...”

Karoline Viana Teixeira
Jornalista e Mestre em História Social (UFC)

Num ateliê de pintura em Paris, permeado por luzes diametralmente dispostas pelo vão escuro e vazio, um homem dava voz e gesto a uma descrição digna de um inferno. De forma quase simultânea, jovens atores franceses colocavam-se nas posições que iam sendo descritas, tentando expressar em corpos retorcidos e bocas escancaradas um tormento que, para aquele brasileiro de 25 anos, envelhecido pela dor, parecia tão vívido quanto no dia em que lhe foi impingido. Nus, atados pernas por cima e braços por baixo de uma barra de ferro. Depois dependurados, vulneráveis, pele e estrutura interna pelos orifícios expostos. Outros atores faziam as vezes de algozes, encostando fios que imitavam cabos desencapados a electrocutar partes íntimas, afundando cabeças em baldes que na ação real eram cheios de água. Tudo praticado com expressões calmas e até um riso debochado, sardônico. Cada pose era cuidadosamente fotografada pelo dono do ateliê, um pintor, cujo grupo de artistas iria transformar aquelas imagens em acrílicas e óleos sobre telas de 2x2 metros.

Às vezes, ele precisava baixar os olhos diante das cenas. Sabia que aquilo era uma reconstituição, que um oceano o separava dos seus opressores, de suas celas imundas e seus atos bestiais. Mas, à medida em que suas palavras iam saindo e os atores procuravam dar a dimensão da dor, da humilhação e da

“Well, the parrot's perch is like this...”

Karoline Viana Teixeira
Journalist and Master in Social History (UFC)

On a painting studio in Paris, surrounded by lights diametrically displayed on the dark empty interspaces, a man gave voice and gesture to a description worthy an inferno. Almost simultaneously, young French actors put themselves into the positions which were being described, trying to express in contorted bodies and wide open mouths a torment, which for that 25 year old Brazilian, aged by the pain, looked so vivid it did on the day it was inflicted to him. Naked, tied legs up and arms below an iron bar. After hanged, vulnerable, skin and internal structure by orifices exposed. Other actors would play the role of torturers, stoking them with wires which made believe to be bare cables to electrocute private parts, dunking heads into buckets which in reality were filled with water. All this practiced with calm expressions and even with debouched smile, sardonic. Every pose was carefully photographed by the studio's owner, a painter, whose group of artist would transform those images in acrylics and oil on canvas of 2x2 m.

Sometimes, he needed to lower the eyes before the scenes. He knew that that was a reconstitution, that an ocean separate him from his oppressors, from his filthy cells and the beastlike actions done to him. But, as the words were coming out and the actors seeking to give a dimension to the pain, to the humiliation and the resistance of the tortured body, it was impossible not to feel the memory emerge on the very own flesh, to turn against oneself, to



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

resistência do corpo torturado, era-lhe impossível não sentir a lembrança emergir da própria carne, voltar-se contra si, fazer reconhecer a falta de controle. Os torturadores moldaram um cárcere usando as fibras do seu próprio corpo, introduziram fundo suas imagens vigilantes, prontas para tomar de assalto qualquer centelha de sanidade. Mesmo livre, ele era um condenado.

Lembrou-se do seu cardeal tentando esconder o choque ao vê-lo ferido e chagado e, apesar de tudo, ainda com força para levantar os pulsos cortados e repetir: "O senhor está vendo, o senhor está vendo, o senhor está vendo!". Exilado, longe da sua terra e dos seus, taxado de criminoso por defender a liberdade e a justiça. "Padre terrorista", quantas vezes não ouviu? Mas, apesar da dor da lembrança, era preciso lembrar, descrever o indescritível e, por fim, ver naquela sala escura as imagens da tortura, da sua tortura, como num espelho maldito a refletir seus piores terrores.

Naquele momento, encenava-se o indizível da tortura praticada contra dissidentes dos regimes militares na América

become aware on the lack of control. Tortures molded a prison using the fibers of his own body, introduced deeply their watchful images, ready to take hold of a spark of sanity. Even as a free man, he was still a convict.

He remembered his cardinal trying to hide the shock to see him wounded and scared and, despite it all, with strength raising his slit wrists and repeating: "You can see, sir, you can see, sir, you can see, sir!". Exiled, away from his land and his peers, taken for a criminal for defending liberty and justice. "Terrorist priest", how many times hasn't he heard it? But, despite the pain of memory, it was necessary to remember, describing the indescribable, and in the end, see in that dark room the images of torture, of his torture, as a dam mirror reflecting his worst nightmares.

In that moment, it was staged the unspeakable torture practiced against the dissidents of the military regimes in Latin America, hidden in the dungeon of security organs, under the argument of National defense and with the use of refined techniques up to the point of not leaving much physical evidence. "Torture as a way of demolishing the body and mind shows where



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

it gets — it incorporates to the victim, goes with her to the edge, it haunts her and destroys her wherever she is", states Florestan Fernandes. In the 60's and the 70's, thousands of Latin-Americans were tortured, killed or went missing without a trace, victims of dictatorial regimes of their countries.

At first, they face the "pauligrafo" – term used in Brazil by Police Officers Of The Department of Political and Social Order (DOPS) – political activists, members clandestine left-wing groups, politicians, laborers, lawyers, journalists, members of the clergy or whoever else in anyway supported the cause, armed or not. Torture would be used in order to obtain information, torture would be used even after a confession, torture would be used for the pleasure of torturing. And, if after the worst violence and humiliation, he refused talking, torture would extend to neighbors, friends, relatives, spouses and even small children of political prisoners.

On the speech of those who manage to leave the dark room with their lives, it is recurrent to hear that, in a dictatorship, the only true democracy is torture. Not mattering if it were men, women, children, elderly or pregnant women. "All Brazilians should go through the parrot's perch to determine who's a patriot and who's not", said a torturer once to one of his victims.

Facing a retrenchment of any form of communication and expression in these countries, in opposition to an image of moral balance and prosperity disseminate the political propaganda of military governments, there was a reaction. Exiled and activists from many countries mobilized to unveil to the international community the brutality of the Latin-American dictatorships and its most effective arm, the institutionalized torture. The Group Denúncia was part of this effort. Constituted by visual artists

Latina, oculto em porões de órgãos de segurança, sob o argumento da defesa da Pátria e com o uso de técnicas refinadas, a ponto de não deixar marcas físicas muito evidentes. "A tortura como forma de demolição do corpo e da mente evidencia até onde ela chega — incorpora-se à vítima, vai com ela para os confins, a persegue e a destrói onde quer que esteja", sentencia Florestan Fernandes. Nos anos 60 e 70, milhares de latino-americanos foram torturados, mortos ou desapareceram sem deixar vestígio, vítimas dos regimes ditatoriais de seus países.

Em princípio, encaravam o "pauligrafo" – termo utilizado no Brasil pelos policiais do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) – ativistas políticos, membros de grupos de esquerda clandestinos, políticos, operários, advogados, jornalistas, sacerdotes ou qualquer outro que de alguma forma dava apoio à luta, armada ou não. Torturava-se para obter informações, torturava-se mesmo depois de uma confissão, torturava-se pelo prazer de torturar. E, se após as piores violências e humilhações, ele se recusava a falar, a tortura se estendia a vizinhos, amigos, parentes, cônjuges e até filhos pequenos dos prisioneiros políticos.

Na fala de quem conseguiu sair com vida da sala escura, é recorrente ouvir-se que, numa ditadura, a única coisa verdadeiramente democrática é a tortura. Não importava se eram homens, mulheres, crianças, idosos ou grávidas. "Todo brasileiro deveria passar pelo pau de arara para se saber quem é patriota ou não", disse certa vez um torturador a uma de suas vítimas.

Diante do cerceamento de quaisquer formas de comunicação e expressão nesses países, em contraponto a uma imagem de equilíbrio moral e prosperidade disseminada pela propaganda política dos governos militares, houve reação.



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

³ An allusion to the polygraph, using the prefix 'paul' as a reference to 'bator'. Translator's note.



Passeata em apoio ao povo de El Salvador, Paris, década de 1970 | Demonstration in support to the people of El Salvador, Paris, in the 70ies



Passeata em apoio ao povo de El Salvador, Paris, década de 1970 - O homem de boina é Julio Le Parc, que fotografou o evento | Demonstration in support to the people of El Salvador, Paris, in the 70ies - The man in beret is Julio Le Parc, who photographed the event

Exilados e ativistas de diversos países se mobilizaram para descortinar para a comunidade internacional a brutalidade das ditaduras latino-americanas e seu braço mais eficaz, a tortura institucionalizada. O Grupo Denúncia fazia parte desse esforço. Composto pelos artistas plásticos Alejandro Marcos, Gontran Guanaes Netto, Jose Gamarra e Julio Le Parc, o grupo expôs em 1972 o trabalho coletivo Sala Escura da Tortura.

O Museu de Arte Moderna de Paris foi o primeiro local a exibir ao público o horror cotidiano dos porões militares, materializado em sete quadros em tamanho natural. Os painéis foram pintados a partir de encenações de tortura por parte de atores franceses, fotografadas por Julio Le Parc em seu ateliê. Os atores, por sua vez, baseavam sua performance no relato do dominicano brasileiro Tito de Alencar Lima. As graves sessões de tortura deixaram seu corpo com sequelas físicas e psíquicas que jamais deixariam de acompanhá-lo. Dois anos depois da abertura da exposição, Tito encontraria o alívio derradeiro do seu sofrimento pendurado no galho de um álamo.

A Sala Escura da Tortura correu mundo, sendo exibida na Itália, Suíça, Alemanha, Cuba e em outros países nos quais a

Alejandro Marcos, Gontran Guanaes Netto, Jose Gamarra e Julio Le Parc, the group exposed in 1972 the collective work Dark Room of Torture (Sala Escura da Tortura).

The Museum of Modern Art of Paris was the first place to exhibit to the public the daily horror of military dungeons, materialized in seven natural size canvas. The panels were painted from reenactments of torture by French actors, and photographed by Julio Le Parc in his studio. The actors, on their part, based their performances on the narrative of the Brazilian Dominican Tito de Alencar Lima. The grave sessions of torture left his body physical and psychic scars cease to haunt him. Two years after the opening of the exhibition, Tito would meet the ultimate relief to his suffering hanging from an alamo tree branch.

Dark Room of Torture (A Sala Escura da Tortura) travelled across the world, being displayed in Italy, Switzerland, Germany, Cuba and other countries in which Amnesty International promoted debates on human rights. But only in 2003, nearly 20 after the end of the military regime, the Brazilian audience could be made aware of the exhibit, during The World Social Forum. On September 14, 2005, the date in which Friar Tito would have turned 60 years old if he was alive, Instituto Frei Tito de Alencar, alongside with the Museum of Ceará, brought the exhibition to the homeland of the Dominican. If on the first years the pieces of the Dark Room of Torture were intended to investigate a cruel veiled truth, in the XXI century it becomes even more necessary to prevent the memory of torture and of the regimes of exception be subsided in time and by those relatively contemplate the violence and the oppression of that time.

In the moment in which the search of the consolidation of the democratic state is most wanted and the reflection over the memory of prisoners and missing political activists during the military regime, the Instituto Frei Tito de Alencar brings once more to the Brazilian public the exhibition Dark Room of Torture. Further to the conventional visitation, the Instituto Frei Tito seeks, through this new exhibition, to promote the education to human rights, having as the main focus students of Elementary and Middle School on the cities where Dark Room of Torture will be presented, by means of guided visits with capacitated monitors.

Because, unlike many people state, the past is not behind us completely, that means, it remains alive on the memories and on the bodies of the tortured, who yet today try to deal with the internalized pain. It remains on empty hands the feeling of absence of those who have lost relatives and friends, many who didn't even have the right for a body to bury. On the other hand, the past keeps



Fotografias de Julio Le Parc da primeira exposição, onde se vê artistas e intelectuais dos grupos Collectiv anti Faciste e Denúncia, Museu de Arte Moderna de Paris, 1973 | Julio Le Parc's picture on the first exhibit, where you may see artists and intellectuals of the groups Collectiv anti Faciste and Denúncia, Museum of Modern Art Paris, 1973

Anistia Internacional promoveu debates sobre direitos humanos. Mas só em 2003, quase 20 anos após o fim do regime militar, o público brasileiro pôde conhecer a exposição, durante o Fórum Social Mundial. Em 14 de setembro de 2005, data em que Frei Tito completaria 60 anos se estivesse vivo, o Instituto Frei Tito de Alencar, em parceria com o Museu do Ceará, levou a exposição à terra natal do dominicano. Se nos primeiros anos as obras da Sala Escura da Tortura procuravam deslindar uma cruel verdade encoberta, no século XXI tornam-se ainda mais necessárias para impedir que a memória da tortura e dos regimes de exceção seja amainada pelo tempo e por aqueles que tentam relativizar a violência e a opressão daquele período.

No momento em que se busca a consolidação do Estado democrático e a reflexão sobre a memória de prisioneiros e desaparecidos políticos durante o regime militar, o Instituto Frei Tito de Alencar traz mais uma vez ao público brasileiro a exposição Sala Escura da Tortura. Para além da visitação convencional, o Instituto Frei Tito busca, por meio desta nova exposição, promover a educação para os direitos humanos, tendo como foco principal estudantes do Ensino Fundamental II e Médio das cidades onde a Sala Escura da Tortura estará em cartaz, em visitas guiadas com monitores capacitados.

Porque, ao contrário do que muitos pregam, o passado não passou completamente, quer dizer, continua vivo na memória e nos corpos dos torturados, que ainda hoje tentam lidar com a dor introjetada. Permanece nas mãos vazias e na sensação de ausência dos que perderam parentes e amigos, muitos sem sequer ter o direito de um corpo para enterrar. Por outro lado, o passado continua ao ser reescrito na história de pessoas como Frei Tito, símbolo da luta pela valorização e proteção dos direitos humanos. Mas, infelizmente, sobrevive também nos torturadores e dirigentes políticos que jamais foram punidos por seus crimes, alguns dos quais ainda exercem funções na área de segurança e controle social. É em nome do que não passou que a Sala Escura da Tortura pode alimentar um futuro diferente.

being rewritten in the history of people like Friar Tito, symbol of the struggle for the value and protection of human rights. But, unfortunately, survives as well on torturers and political diligences who were never punished for their crimes, some of which are still on the exercise of functions on the field of security and social control. It is in the name of what has not passed that Dark Room of Torture may nourish a different future.



Gontran Guanaes em passeata em apoio ao povo de El Salvador, Paris, década de 1970 | Gontran Guanaes in demonstration in support to the people of El Salvador, Paris, in the 70ies

Frei Tito: Memória e Mistério

*Friar Tito: Memory
and Mystery*

Francisco Régis Lopes Ramos

Professor do Departamento de História
da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Francisco Régis Lopes Ramos
Professor of the History Department
of Universidade Federal do Ceará (UFC)

No dia 10 de agosto de 1974, um morador dos arredores de Lyon encontrou o corpo do dominicano Tito de Alencar, suspenso por uma corda. Ficou à sombra de um álamo. Acima do chão e abaixo do Céu, como aqueles que repousam na terceira margem do rio. Depois do velório, ele foi enterrado no cemitério dominicano Sainte Marie de La Tourette, em L'Arbresle. Na cruz, ficou escrito:

Frei da Província do Brasil. Encarcerado, torturado, banido, atormentado... até a morte, por ter proclamado o Evangelho, lutando pela libertação de seus irmãos. Tito descansa nesta terra estrangeira. "Digo-vos que, se seus discípulos se calarem, até as pedras clamarão." (Lucas 19:40)

A notícia correu o mundo, criando uma tessitura de perplexidade diante de mais um absurdo envolvendo a ditadura instalada no Brasil. Na Itália, o senador católico Raniero La Valle ficou tão atordoado que o seu destino foi viajar para os lugares por onde Frei Tito havia passado em seus últimos anos de vida. O intuito era vislumbrar o imponderável: "colher o segredo" que habitava a morte do dominicano brasileiro, "ouvir o grito que se elevava de sua sepultura...".

Valendo-se do seu conhecimento teológico, Raniero achava que as explicações da imprensa eram sumárias e não davam

On August 10, 1974, a local from the surrounding area of Lyon found the body of the Dominican Tito de Alencar, suspended by a rope. He remained at the shadow of an alamo. Above the ground and below the Heavens, Just as those who rest at the third margin of the river. After the wake, he was buried on the Dominican cemetery Sainte Marie de La Tourette, in L'Arbresle. On the cross, was written:

Friar of the Province of Brazil. Incarcerated, tortured, banished, tormented... to the death, for having proclaimed the Gospel, fighting for the freedom of his brothers. Tito rests on this foreign land. "I tell you that if these disciples should keep silent, the stones would immediately cry out." (Luke 19:40)

The news spread into the world, creating a grave perplexity over yet another absurd involving the dictatorship installed in Brazil. In Italy, the catholic senator Raniero La Valle was so appalled that he set himself travel to the places where Friar Tito had been in his last years of life. The intention was to envision the unthinkable: "reap the secret" that shrouded the death of the Brazilian Dominican, "to hear the scream that rose from his grave...".

Taking advantage of his theological knowledge, Raniero would find the explanations from the press summary and would not grasp hold on the complexity to the alleged suicide. The tone of the

FR. TITO DE ALENCAR-LIMA
FRÈRE O.P.
décédé le 10.8.1974
dans sa 29^{ème} année
la 8^{ème} de sa profession

FRÈRE DE LA PROVINCE DU BRÉSIL
EMPRISONNÉ, TORTURÉ, BANNI, ACCULÉ À LA MORT
POUR AVOIR PROCLAMÉ L'ÉVANGILE
EN LUTTANT POUR LA LIBÉRATION DE SES FRÈRES
TITO REPOSE EN CETTE TERRE ÉTRANGÈRE.
"JE VOUS LE DIS SI LES DISCIPLES SE TAISENT
MÊME LES PIERRES CRIERONT" LUC 19:40

FR. DA PROVÍNCIA DO BRASIL
ENCARCERADO, TORTURADO, BANIDO,
ATORMENTADO... ATÉ A MORTE
POR TER PROCLAMADO O EVANGELHO
LUTANDO PELA LIBERTAÇÃO DE SEUS IRMÃOS.
TITO DESCANSA NESTA TERRA ESTRANGEIRA.
"DIGO VOS QUE SE OS DISCÍPULOS SE CALAREM,
AS PROPRIAS PEDRAS CLAMARÃO" LUC 19:40

conta da complexidade que havia no suposto suicídio. O tom das interpretações girava em torno do trauma causado pela tortura nos cárceres de São Paulo. Mas, para Raniero, a trajetória de Frei Tito também poderia revelar um "novo sinal".

Em outubro de 1974, Raniero começou uma série de entrevistas, que depois seriam interpretadas e publicadas no livro *Em Campo Aberto*. Uma das questões foi a legalidade canônica, pois os suicidas não poderiam receber sepultura no cemitério cristão, nem funeral católico. Sem delongas, o dominicano Roland Ducret respondeu que tal problema nem chegou a ser formulado: "A ideia de sepultá-lo fora da Igreja... Ninguém pensou nisso". Por outro lado, não se tratava de admitir a hipótese da (re)ação desviada. Realizaram-se os funerais religiosos sem nenhum problema, não por se considerar sua morte um ato irresponsável, mas porque "o caso estava muito além das alternativas previstas pelo direito canônico estritamente interpretado", argumentou o frei Roland Ducret.

De acordo com os depoimentos, o caso descamba para uma exceção - o insondável que o senador Raniero procurava vislumbrar. Sobre a questão das normas tradicionais diante dos suicidas, o padre Belaud, prior do convento dominicano de Santa Maria de la Tourette, concorda com as ponderações do colega Ducret:

Gostaria de dizer que durante um ano vivemos com Tito o destino de uma pessoa, seu mistério. E Tito, que não dá a seu caso simplesmente explicações técnicas, mas nos faz sentir aquele que é verdadeiramente o mistério de uma pessoa. E porque Tito viveu muito profundamente esse mistério até a morte, nos teria parecido derrisório, e mais que derrisório, formular a pergunta que o senhor colocou. Se é ou não uma questão de direito canônico, isso não nos interessa. Vivemos com ele na fé, pois viver um mistério significa viver também o mistério da fé.¹

Padre Beloud fala cinco vezes a palavra "mistério". Se fora suicídio, o caso já se tornara profundamente dramático, mas não era só isso. O corpo de Frei Tito na sombra do álamo germinou uma desintegração do significado linear. Era um absurdo e algo além. Um além encarnado e presente em forma de memória inquieta e quase impossível, grávida de tensões insolúveis. Tratava-se de um enigma encravado em carne viva, na qualidade de criação e criatura da memória cristã. Ao ouvir os

interpretation would focus on the trauma caused by the torture in the prisons in São Paulo. But, to Raniero, Friar Tito's story could also reveal a "new sign".

*In October, 1974, Raniero started a series of interviews, that would be later interpreted and published on the book *Em Campo Aberto*. One of the questions was the canonic legality, for suicides could not receive graves on Christian cemeteries, nor catholic funeral. Without delay, the Dominican Roland Ducret replied that such matter had not even come into consideration: "The idea of burying him outside the Church... No one thought of that". On the other hand, it wasn't about admitting the hypothesis of a wild (re)action. Religious funerals were performed without any problems, not for considering his death an irresponsible act, but because "the case was much beyond the alternatives by the canonic law strictly interpreted", argued Friar Roland Ducret.*

According to statements, the case led to an exception - the fathomless one which senator Raniero had seek to see. Under the matter of the traditional rule on suicides, father Belaud, prior of the Dominican convent of Santa Maria de la Tourette, concurs with the considerations of the colleague Ducret:

I would like to say that during one year we lived with Tito the destiny of person, is his mystery. And Tito, who simply wouldn't give technical explanations to his case, but would make us feel that which is truly the mystery of a person. And because Tito lives deeply this mystery until his death, it would have seemed to us derisive, formulate a question you have phrased. Whether it is a matter of canonic law, it does not concern us. We live with him in faith, for living a mystery means living the mystery of faith as well.¹

Father Beloud says Five times the word "mystery". If it were a case of suicide, the case had already become deeply dramatic, but it was not just that. The body of Friar Tito by the shadow of the alamo has sprouted a disintegration of the linear meaning. It was an absurd and something beyond. An after-live incarnated and present in the shape of an unquiet and almost impossible memory, impregnate with unsolvable tensions. It is an enigma engraved in living flesh, in status of creation and creature of Christian memory. As he heard those who followed Friar Tito's last years, Raniero found what he was looking for: "a sign".

Friar Tito was killed by the 1964 dictatorship – that is common sense, at least by the sector that do no condole with the regimes of oppression. But the circumstances of his life (and his death) as a



Cemitério Sainte Marie de La Tourette, L'Arbresle, França, 1974 | Cemetery Sainte Marie de La Tourette, L'Arbresle, France, 1974

que acompanharam os últimos anos de Frei Tito, Raniero achou o que procurava: "um sinal".

Frei Tito foi morto pela ditadura de 1964 – isso é senso comum, pelo menos nos setores que não compactuam com os regimes de opressão. Mas as circunstâncias da sua vida (e da sua morte) como religioso e revolucionário trouxeram um incômodo complementar. Para muitos que o conheceram ou tomaram conhecimento da sua história não bastou dizer: "Ele foi uma vítima da tortura". Havia algo que extrapolava, exatamente porque a memória cristã que parte da Igreja Católica passou a cultivar uma íntima relação entre renovação da fé e renovação social. Assim, anunciar diante de um mundo injusto deveria ser, também, denunciar contra esse mundo e a favor de mudanças e transformações.

A postura destemida diante dos torturadores transformaria sua biografia tanto em símbolo de resistência política, quanto em ícone do martírio em nome da fé. Sua morte alargaria e

religious man and a revolutionary brought a complementary inconvenient. For many who knew him or became aware of his story it wasn't enough to say: "he was a victim of torture". There was something which extrapolate, exactly because part of the Christian memory that part of the Catholic Church began to nourish conceived an intimate relation between the renovation of faith and the social renovation. Hence, making an announcement to an unfair world must have been, also, testifying against this world and in favor of changes and transformations.

The fearless posture while facing the torturers would transform his biography in such a symbol of political resistance, as an icon martyr in the name of faith. His death would broaden and deepen the baroque drama in which he himself was father and son: religion through politics and politics through religion. Mystery of Heaven and Earth, of God and humanity. And that's why Raniero La Valle found in the history of Friar Tito a sign that, more than a mystery itself, it carried inside it an endless challenge: a tension and a

¹ La Valle, Raniero. *Fora de Campo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, p. 08.

¹ La Valle, Raniero. *Fora de Campo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, p. 08.

aprofundaria o drama barroco no qual ele mesmo foi pai e filho: a religião através da política e a política através da religião. Mistério do Céu e da Terra, de Deus e da humanidade. É por isso que Raniero La Valle encontrou na história de Frei Tito um sinal que, além de misterioso, carregava em si um desafio sem fim: a tensão e a complementaridade entre cristianismo e marxismo.

Mas seria enganoso concluir que Frei Tito é somente um "símbolo da esquerda católica". Ele chegou a figurar nos sonhos do militante grego Alexandre Panagulis, um homem libertário "que se recusou a ser catalogado, enquadrado por modismo, ideologias, pela sociedade ou pelo Poder". No livro *Um Homem*, a jornalista italiana Oriana Fallaci contou a história de seu romance com Panagulis e fez referência ao seguinte episódio:

O avião para Atenas e o avião para Nova York decolariam quase no mesmo momento e a nossa briga já fora superada (...). Você me havia pedido perdão, eu lhe havia pedido perdão e agora nós sentávamos, aplacados, esperando que anunciassem a partida dos dois vôos, dizendo-nos algumas coisas não ditas naquelas vinte e quatro horas (...). Intercalavam-se também frases inúteis, dessas com que se enche o tempo quando o trem está para partir e não parte, de forma que um minuto torna-se interminável, não passa nunca. Vai-a-Washington-ou-fica-em-Nova-York? Telefono-assim-que-chegar. Sim-e-você-escreva. De repente:

- O que é feito de Frei Tito de Alencar Lima?

Olhei para você espantada. Fazia um ano que eu lhe havia contado a sua história e durante esse tempo você jamais havia pronunciado o seu nome, jamais me perguntara o que fora feito dele.

- Está em Paris. Você ainda estava em Boiati quando o Governo Brasileiro o trocou, junto com mais setenta presos políticos, por um embaixador sequestrado. (...) Por que de repente você se interessa por Frei Tito?

Você sorriu evasivo.

- Você não me comparava a Frei Tito de Alencar Lima?

Eu também sorri:

- Somente antes de conhecê-lo. Comparava-o a tanta gente antes de conhecê-lo! Mas por que esse interesse repentino por Frei Tito?

- Porque sonhei com ele esta noite.

mutual input between Christianity and Marxism.

But would it be deceitful to conclude that Friar Tito is only but a "symbol of Catholic left-wing movement". He managed to figure in the dreams of the Greek militant Alexandre Panagulis, libertarian "who refused to be taken for or labeled as taking part in the latest trend, ideology, neither by society nor by Power". In the book A Man, the Italian journalist Oriana Fallaci told her story of her romantic affair with Panagulis and made reference to the following episode:

The airplane to Athens and to New York would take off almost at the same time and our fight had already been settled (...). You have said you were sorry, I have said I was sorry and now we were both sitting, appeased, waiting for the announcement the departure of both flights, telling each other some things which were left unsaid on those twenty four hours (...). There was also an exchange of useless sentences, those of which you kill time when the train is about to leave and doesn't, in such a way a minute becomes everlasting, it never passes. Go'to-Washington-or-stay'in-New-York? Phone-ya-when'l-get-there. Yeah-and'you-write-ok. All of the sudden:

- What is made of Friar Tito de Alencar Lima?

I looked at you stunned. It had been a year since I had told you his story and during all this time you never pronounced his name, never asked what had been made of him.

- He is in Paris. You were still in Boiati when the Brazilian Government traded him along, along with seventy more political prisoners, for a hijacked ambassador. (...) Why the sudden interest in Friar Tito?

You smiled evasively.

- Didn't you use to compare me to Friar Tito de Alencar Lima?

I also smiled:

- Only before I meet you. I would compare you to so many people before I meet you! But why the sudden interest in Friar Tito?

- Because I dreamed of him last night.

Once again! Would he ever heal from this dream disease?

- And what did he do, in the dream, Friar Tito de Alencar Lima?

Outra vez! Será que jamais se curaria dessa doença dos sonhos?

- E o que fazia, no sonho, Frei Tito de Alencar Lima?

- Caminhava sobre folhas e levantava os braços.

- E o que isto significa?

- Não sei, mas sinto... sinto que ele está muito infeliz.

Talvez não tenha mais vontade de lutar. E aí de quem desiste de lutar. Levanta-se os braços e morre-se.

Continuando sua narrativa, Oriana Fallaci diz que o alto-falante anuncia o seu voo e os dois se levantam, dirigindo-se ao portão de embarque. Dias depois, ela lê uma manchete no jornal: "Padre Dominicano Suicida-se".²

Tito tornou-se fecundo. Palavra geradora, como diria Paulo Freire. Lembrança que denuncia um assassinato, não somente para mostrar a injustiça, mas também para dizer que a justiça pode existir, não somente para julgar, mas também para anunciar a vida. Foi por isso que Raniero colocou em seu livro o título "Fora de Campo". O entendimento que ele tem a respeito do funcionamento da memória vincula-se ao mistério da fé e, com base nisso, sua argumentação não desvincula o passado do futuro: "A experiência de Jesus, recapitulada na epístola aos hebreus, diz que sair do campo para oferecer e perder a própria vida não é o fim da história mas o início...".³

- He walked on leaves and raised his arms.

- And what does that mean?

- I don't know, but I feel... I feel he is miserable. Maybe he doesn't have the will to fight any more. God have mercy on those who give up fighting. You raise your arms and die.

Continuing her narrative, Oriana Fallaci says that the speaker announced their flight and both of them would get up and head towards the departure gate. Days later, she reads the headline on a newspaper: "Dominican Priest Suicides".²

Tito became fruitful. Fruitful word, as Paulo Freire said. Memories that reported a murder, not only to show the injustice, but also to say that justice may exist, not only to judge, but also to announce life. For that reason Raniero selected for his book the title "Fora de Campo". The understanding he has regarding the working of the memory attaches to the mystery of faith, and based on that, your argumentation does not detach past to future: "The experience of Jesus, recapitulated on the letter to the Hebrews, said that leaving the field to offer and loose one's isn't the end of a story but the beginning...".³

² Fallaci, Oriana. *Um Homem*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 315-316.

³ La Valle, Raniero. *op. cit.*, p. 19.

² Fallaci, Oriana. *Um Homem*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 315-316.

³ La Valle, Raniero. *op. cit.*, p. 19.

² Translator's work on the passage mentioned by the author *Fora de Campo*.

³ Translator's work on the passage mentioned by the author *Fora de Campo*.



A Ditadura Militar e a Tortura no Brasil

The Military Dictatorship and Torture in Brazil

Ana Rita Fonteles Duarte

Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ana Rita Fonteles Duarte

Professor of the History Department of Universidade Federal do Ceará (UFC)

Na quinta-feira, três policiais acordaram-me à mesma hora do dia anterior. De estômago vazio, fui para a sala de interrogatórios. Um capitão, cercado por sua equipe, voltou às mesmas perguntas: "Vai ter que falar senão sai morto daqui", gritou. Logo vi que isso não era apenas uma ameaça, era quase uma certeza. Sentaram-me na cadeira-do-dragão, com chapas metálicas e fios, descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. Dois fios foram amarrados em minhas mãos, e um na orelha esquerda. A cada descarga, eu estremecia todo, como se o organismo fosse se decompor. Da sessão de choques passaram-me ao pau-de-arara. Mais choques, pauladas no peito e nas pernas, que cada vez mais se curvaram para aliviar a dor. Uma hora depois, com o corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e reanimado. Conduziram-me a outra sala, dizendo que passariam a descarga elétrica para 220 volts, a fim de que eu falasse "antes de morrer". Não chegaram a fazê-lo. Voltaram às perguntas, bateram em minhas mãos com palmatórias. As mãos ficaram roxas e inchadas, a ponto de não poder fechá-las. Novas pauladas. Era impossível qual parte do corpo doía mais: tudo parecia massacrado. Mesmo que quisesse não poderia responder às perguntas: o raciocínio não se ordenava mais, restava apenas o desejo de

On Thursday three police officers awoke me at the same hour as the day before. On an empty stomach, I went to the interrogation chambers. A captain surrounded by his crew, went back to the same questions. "You'll have to talk or else you'll only leave here dead", he shouted. Soon after I saw this was not just a threat, it was a guarantee. They sat me on the "dragon's chair" (with metal plates and wires) discharged shocks on my hands, feet, ears and head. Two wires were tied to my hands and one to my left ear. On every charge, I trembled completely, as if my body were to decompose. From the shock sessions they took me to the "parrot's perch". More shocks, bludgeon hits to the chest and to the legs every time they bent to relieve the pain. One hour later, with the body all wounded and bleeding, I fainted. I was untied and reanimated. They took me to another room saying they would turn the electric chart to 220 volts so that I would speak "before I died". They didn't actually do it. They went back to the questions, they beat my hands with ferule. My hands went black and swollen, up to a point where closing them couldn't be possible. New bludgeon hits. It was impossible to know which part of the body hurt the most; everything seemed butchered. Even if I wanted to, I couldn't answer the questions: my thoughts could no longer be put into order, all I had left

perder novamente os sentidos. Isso durou até as dez da manhã, quando chegou o capitão Albernaz. (depoimento de Frei Tito de Alencar Lima)¹

As décadas de 1960 e 1970 marcam a história recente de países sul americanos pela ocorrência de golpes, em sua maior parte de caráter militar, que deram origem a regimes ditatoriais mais ou menos longos, movidos pela tentativa de sufocar governos e movimentos sociais em luta por mudanças profundas nas estruturas econômicas, políticas e sociais. Os regimes estabelecidos procuraram justificar suas ações apelando a sentimentos de restabelecimento da ordem, desenvolvimento econômico e união nacional através do combate ao comunismo, considerado inimigo interno, e às ameaças que rondariam as instituições tradicionais. A partir desse raciocínio, supressão de leis, repressão, sequestros, censura, tortura e mortes eram justificados como “males necessários” para alcançar os objetivos propostos.

Países como Chile, Uruguai, Paraguai, Argentina e Brasil passaram por experiências semelhantes. Alguns regimes trabalharam de maneira conjunta desenvolvendo operações coordenadas na captura e prisão de militantes políticos além fronteiras, fazendo compartilhamento de informações como ocorreu na Operação Condor, organização terrorista, secreta e multinacional criada para caçar adversários políticos e que interligou aparatos repressivos da Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Brasil.

Há alguns anos, alguns desses países, como Chile e Argentina, reviram processos de anistia e iniciaram julgamentos e punições de responsáveis por crimes contra os direitos humanos. No Brasil e Uruguai, no entanto, esse é um debate ainda realizado em âmbito restrito e que sofre forte oposição de setores das Forças Armadas, da imprensa e dos próprios governos civis que comandam esses países. Esses debates não acontecem de forma tranquila, uma vez que as memórias de militares e seus apoiadores civis ainda disputam espaço.

O Golpe de 31 de março de 1964, no Brasil, provoca constante e progressiva perda das liberdades democráticas. As eleições diretas foram proibidas, assim como a crítica ao poder, materializada na censura à imprensa, às diversões públicas e produções culturais e na proibição de reuniões e organização de partidos políticos e movimentos sociais. Manifestações sindicais e estudantis foram duramente reprimidas. Através de sucessivos atos institucionais, dentre os quais o mais conhecido foi o AI-5,

¹ BETTO, Frei. *Batismo de Sangue*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 372-373.

*was the desire to once again lose my senses. This lasted until 10 a.m. when Captain Albernaz arrived. (Friar Tito de Alencar Lima's statement)*¹

The decades of 1960s and 1970s marked the recent history of South American countries with the outbreak of coups, mostly of a military nature, which led to considerably dictatorial regimes, moved by the attempt to smother governments and social movements that fought for profound economical, political and social changes. The established regimes hoped to justify their actions by appealing to feelings of reestablishment of order, economical development and national unity through fighting communism, considered an internal enemy, and to the threats which would be posed against the traditional institutions. From this line of thinking, suppression of laws, repression, kidnappings, censorship, torture and deaths were justified as “necessary evils” to achieve proposed goals.



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

Countries such as Chile, Uruguay, Paraguay, Argentina and Brazil went through similar experiences. Some regimes worked together in order to develop operations coordinated to the capturing and imprisoning political militants beyond borders, by sharing information as it occurred in Operation Condor, terrorist organization, secretive and multinational created to hunt down political adversaries and which interlinked repressive apparatus from Argentina, Chile, Uruguay, Paraguay, Bolivia and Brazil.

Some years ago, some of these countries, such as Chile and Argentina, revised amnesty processes and initiated trials and punishments of responsible for crimes against human rights. In Brazil and Uruguay, however, this debate is one yet discussed on a restricted field and which still suffers a strong opposition from the

¹ BETTO, Frei. *Batismo de Sangue*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 372-373.

decretado em 1968, parlamentares, militares e civis contrários ao regime foram afastados dos cargos.

A implantação de nova ordem veio seguida de prisões, torturas e suspensão de garantias legais, como o habeas-corpus. A arbitrariedade expandiu-se e os grupos sociais foram atingidos: estudantes, trabalhadores, políticos, líderes sindicais, religiosos. As torturas fizeram parte do cotidiano. As ameaças foram forma de coagir os mais desavisados. Assassinatos e desaparecimentos tornaram-se comuns.

Tendências e organizações de esquerda dispostas ao confronto violento com o poder, antes do Golpe, articularam-se na esquerda revolucionária. Influenciadas por revoluções vitoriosas, como as de Cuba e Vietnã, propunham a destruição da ditadura militar e do capitalismo e a construção de uma sociedade socialista. Jovens ligados a grupos políticos, como a Ação Libertadora Nacional (ALN), o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), partiram para ações de guerrilha urbana e rural, mudando de nome e rompendo os laços com a família e com sua vida anterior. Isso tem lugar especialmente na década de 1970, com o endurecimento da repressão.

A Guerrilha do Araguaia, foco de luta armada dirigida pelo PCdoB no Pará, entre 1972 e 1974, foi violentamente aniquilada, deixando, pelo menos, 64 pessoas desaparecidas. Houve uma forte tentativa, por parte do governo militar, de apagar o episódio da Guerrilha da história brasileira, o que foi feito através da censura aos meios de comunicação e da deliberada ausência de registros oficiais sobre o episódio. Os guerrilheiros assassinados sumiram em sepulcros ignorados e a luta das



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

Armed Forces, the press and from the own civil governments who rule these countries. These debates do not happen in a peaceful manner, for memories of the militaries and their civil supporters still fight for space.

The Military Take Over of March 31, 1964, in Brazil, caused constant and progressive loss of democratic freedoms. The direct elections were forbidden, just like any criticism to the establishment, materialized in censorship to the press, public amusements and cultural productions and prohibition of meetings and organization of political parties and social movements. Union and students' manifestations were hardly reprehended. Through successive institutional acts, among which the most well-known was AI-5, decreed in 1968, members of parliament, militaries and civilians who opposed the regime were removed from their working positions.

The implanting of a new order came followed by arrests, tortures and suspensions of legal warranties, such as habeas-corpus. The arbitrary actions expanded and the social groups were hit: students, laborers, politicians, union leaders, religious ones. The tortures were part of the daily life. The threats were a way to coarsen the unwarned. Assassinations and disappearances became common.

Leftwing tendencies and organization willing violent confrontation against the establishment, before the Military Take Over, articulated themselves on the revolutionary leftwing. Influenced by victorious revolutions, such as the Cuban and the Vietnamese ones, proposed the destruction of the military dictatorship and capitalism and the construction of a socialist society. Young people connected to political groups, such as Ação Libertadora Nacional – National Liberating Action – (ALN), Movimento Revolucionário 8 de Outubro – October 8 Revolutionary Movement – (MR-8) and the Partido Comunista do Brasil – Communist Party of Brazil – (PCdoB), who set out to urban and rural guerilla actions, changing names and breaking ties with families and their previous lives. This happened specially in the 1970's, with the toughing of the repression.

The Araguaia Guerrilla, focus on the armed struggle coordinated by PCdoB in the state of Pará, between 1972 and 1974, which was violently annihilated, leaving, at least, 64 missing people. There was a strong attempt, on the military government's part, to erase the episode of the Guerrilla from Brazilian History, which was done through the censorship of the means of communication and the deliberate absence of official records on the episode. The murdered guerrilla members vanished in idle

famílias pela busca e identificação dos restos mortais ainda persiste.

Tortura

Em fevereiro de 2009, o jornal *Folha de São Paulo* declarou em editorial que, comparando nossa ditadura e as de outros países da América do Sul, teríamos vivido uma “ditabranda”. A afirmação toma como pressuposto, possivelmente, o número de pessoas desaparecidas no Chile, 3196 vítimas, e 30 mil na Argentina. De acordo com o levantamento realizado pela Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos do Ministério da Justiça, 366 pessoas são consideradas mortas ou desaparecidas no Brasil, em decorrência de perseguições do regime. Aproximadamente 50 mil pessoas teriam sido detidas somente nos primeiros meses da ditadura, em torno de 10 mil teriam vivido no exílio e pelo menos 130 pessoas foram banidas, proibidas de morar no País.

Protestos à afirmação do jornal vieram dos mais diferentes setores sociais, que se manifestaram contra a ideia de que se pudesse medir a violência de um regime autoritário somente pelo número de mortos já que os registros documentais apontam prisões, banimentos, exílios forçados, afastamentos de milhares de pessoas em todo o Brasil.

O discurso, no entanto, continuou se repetindo em outros veículos midiáticos. Em 2010, numa série de entrevistas com generais que ocuparam cargos chave no regime militar realizada pelo repórter Geneton Moraes Neto e exibidas no canal por assinatura Globonews, a tortura era simplesmente desmentida ou, quando admitida, caracterizada como excesso de subordinados mais “descontrolados” ou que reagem, defendendo-se diante de “abusos” de “terroristas” de esquerda. O fato é que, entre boa parte dos militares que viveram o período e para setores da imprensa mais tradicional, a tortura no regime ditatorial brasileiro não ocorreu e, se ocorreu, não foi tão grave assim. Repetem-se de alguma forma argumentos utilizados ainda no período ditatorial para desacreditar denúncias realizadas pelas próprias vítimas através de cartas escritas nos cárceres, depoimentos e processos judiciais, narrativas de familiares, advogados, grupos de direitos humanos, igrejas e jornalistas.

O trabalho de alguns desses agentes, ainda na ditadura, foi essencial para provocar fissuras nesse discurso de negação das torturas e para municiar os movimentos de luta pela anistia que buscavam o fim do regime das perseguições políticas. Em 1978, o jornal alternativo *Em Tempo* publicou uma lista com o nome



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

graves and the struggle of their families to retrieve and identify their remains still lingers.

Torture

In February 2009, the newspaper Folha de São Paulo declared on its editorial, that in comparison to other South American Countries the dictatorship we had lived in was a “ditabranda” (a mild one). The statement takes in account, possibly, the number of missing people in Chile, 3196 victims, and 30 thousand in Argentina. According to the data gathered by the Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos do Ministério da Justiça (Special Commission for Deceased and Missing People), 366 people are considered dead are missing in Brazil, due to persecutions of the regime. Approximately 50 thousand people would have been detained on in the first months of the dictatorship, around de 10 thousand would have lived in exile and at least 130 people were banished, forbidden to live in the Country.

Protests to the newspaper's statement came from the most different social sectors, which manifested themselves against the idea that it was possible to measure the violence of an authoritarian regime solemnly by the numbers of deceased, once the documental records point to prisons, banishments, forced exiles, demotion of thousands of people all over Brazil.

The same speech, however, continued being repeated means of media. In 2010, in series of interviews who occupied key positions during the military regime conducted by the reporter Geneton Moraes Neto aired on cable channel Globonews, rumors of torture were simply disregarded as untruthful or, when admitted, characterized as an excess of more “reckless” subordinates or that they was a reacting, defending themselves of the “abusos” of leftwing “terrorists”. The fact is that, a great share of those militaries

de 233 torturadores. Em 1979, o jornalista Antônio Carlos Fon publicou o livro *Tortura: A História da Repressão Política no Brasil*, pela Editora Global, em São Paulo. O livro reúne material coletado durante cinco meses de trabalho pelo repórter para a revista *Veja*, trazendo na íntegra o material que não pôde ser publicado na revista. A reportagem mostrava em detalhes a organização do aparelho repressivo do regime militar que passava a ser usado de forma sistemática contra os opositores políticos.

O livro descreve as técnicas de suplício, de forma detalhada, causando impacto sobre os leitores, demonstrando que o aparato repressivo da ditadura havia sido uma estrutura pensada de acordo com a Doutrina de Segurança Nacional para combater o “inimigo interno”, contrariando a tese da tortura como anomalia ou desvio do regime implantado. A publicação foi lançada com a tiragem de cinco mil exemplares, sendo distribuída em livrarias e bancas de jornal. A primeira edição esgotou-se apenas em uma semana e as sete reimpressões seguintes venderam cerca de 30 mil livros. A publicação foi intensamente trabalhada em sindicatos, universidades e pela campanha da anistia. O então ministro do Exército, general Fernando Bethlem, enquadrou Antônio Carlos Fon no Artigo 14 da Lei de Segurança Nacional, que previa pena de até dois anos de detenção para aqueles acusados de “divulgar, por qualquer meio de comunicação social, notícia falsa, tendenciosa ou fato verdadeiro truncado ou deturpado, de modo a indispor ou tentar indispor o povo com as autoridades constituídas”.

O livro abriria caminho para uma publicação ainda mais impactante, por utilizar como material de “prova” os próprios documentos produzidos por autoridades do regime militar relativos a 707 processos que transitaram no âmbito da Justiça



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

who lived that period and to more traditional sectors of the press, the torture which occurred during the Brazilian dictatorial regime was not so grave after all. They still somehow repeat the arguments used during the dictatorial period to disbelief the reports made by the victims through written letters in prison, statements and lawsuits, family narratives, lawyers, human rights' groups, churches and journalists.

The work of some of these agents, still during the dictatorship period, was essential to cause fissures in this speech of denial of tortures and to provide movements for amnesty who hoped for the end of the regime of political persecutions with more fighting power. In 1978, the alternative newspaper Em Tempo published a list with the names of 233 torturers. In 1979, the journalist Antônio Carlos Fon published the book Tortura: A História da Repressão Política no Brasil, by Editora Global, in São Paulo. The book gathers material collected during five months work by the reporter for Veja magazine, bringing in full the material which could not be published in the magazine. The piece showed in detail the organization of the repressive apparatus of the military regime which had turned to be used in a more systematic way against political oppositionists.

The book describes techniques of surplice, in detail, causing an impact over the readers, showing that the repressive apparatus of the dictatorship had been a structure thought accordingly to the National Security Doctrine to fight “the inside enemy”, going against the thesis of torture being an anomaly or diversion from the implanted regime. The publishing was released with five thousand copies, being distributed in bookstores and newsstands. The first edition sold out in only one week and the following seven reprints sold around 30 thousand books. The publication was intensely promoted in unions, universities and by the amnesty campaign. The Army Minister in exercise at the time, General Fernando Bethlem, booked Antônio Carlos Fon on Article 14 of National Security Law, which foresaw a penalty of up until two years of detention for those accused of “spreading, by any means of social communication, false notice, tendentious or fact truthful tricky or twisted, in such a way indisposing or trying to indispose the people with the constituted authorities”.

The book would open path to an even greater groundbreaking publication its use of “evidence” as material the very own documents produced by authorities of the military regime related to the 707 processes which had transited on the field of Military Justice April of 1964 and March of 1979. Brasil: Nunca Mais, published by Editora Vozes, in 1985, it was the product of an homonym research, coordinated by the archbishop of São Paulo at

Militar entre abril de 1964 e março de 1979. *Brasil: Nunca Mais*, publicado pela Editora Vozes, em 1985, foi produto de pesquisa homônima, coordenada pelo então arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, com apoio de entidades de direitos humanos e advogados de presos políticos. No livro, os relatos pormenorizados das torturas sofridas pelos perseguidos políticos através de choques elétricos, pau-de-arara (instrumento composto por barra de ferro onde a vítima era pendurada pelos punhos e joelhos), palmatória, afogamentos, disposição em câmaras frigoríficas, queimaduras, sevícias sexuais e ameaças a familiares ganham destaque no detalhamento feito pelos atingidos em denúncias às próprias autoridades do regime, com participação de testemunhas de provas anexas, como exames médicos.

As torturas e suas consequências também são relatadas através das narrativas de traumas físicos e psicológicos daqueles que sobreviveram, mas não saíram ilesos dos aparelhos oficiais e clandestinos. Alguns, como o jovem dominicano cearense Frei Tito de Alencar Lima (1945-1974), que tem sua vida e seu suplício narrados pelo amigo Frei Betto no livro *Batismo de Sangue*, não suportaram os sofrimentos e acabaram tirando a própria vida por já se sentir mortos.

Resistência

Importante salientar que tanto homens como mulheres sofreram duplamente a repressão nos anos de 1960 e 1970 no Brasil, seja quando detidos ou quando viam seus familiares detidos ou desaparecerem. Ironicamente, a família tradicional, contra a qual se rebelam os jovens imersos na revolução dos costumes, na esperança de revolução social, passa a ser o grande apoio, principalmente após a destruição das organizações revolucionárias. Era à família que se recorria em busca de abrigo, dinheiro, providências para sair do país, além de afeto e solidariedade.

À medida que se avolumavam prisões e banimentos, as mulheres, por relações de parentesco com pessoas prejudicadas pelo regime, mas também por solidariedade e compromisso político, comunicam-se em busca de solução coletiva.

A preocupação não é só delas. As arbitrariedades do regime desencadeiam ações. É que isso é feito com pouca articulação. Desde 1972, setores progressistas da Igreja Católica dão proteção a presos políticos e denunciam a violência de Estado. A personificação da resistência foi o cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, batalhador pela criação da Comissão de Justiça e Paz. Sua equipe recebe denúncias de

that time, Dom Paulo Evaristo Arns, with the support of human rights entities and lawyers of political prisoners. In the book, the detailed statements about the suffered by the politically persecuted through electric shocks, parrot's perch (instrument consisted of an iron bar where the victim was hanged by wrists and knees), the use of the ferule, drownings, keeping people in refrigerating chambers, burnings, sexual services and threats to family members, it outstands in detailing by those hurt in reports to the very own authorities of the regime, with the participation of witnesses to annexed evidence, such as medical exams.

*The tortures and their consequences are also reported through the narrative of physical and psychological traumas of those who survived, but not unharmed by the official and clandestine apparatus. Some like the young Dominican Cearence man, Friar Tito de Alencar Lima (1945-1974), who had his life and his surplice narrated by his friend Friar Betto in the book *Batismo de Sangue*, could not stand the suffering and ended up taking their own lives for feeling already dead.*

Resistance

It is important to point out that both men and women alike have suffered twice the repression in the 1960's and 1970's in Brazil, whether when detained or when they saw their family members detained or missing. Ironically, the traditional family, against which the youth immerse in the revolution of the old habits would rebel, hoping for a social revolution, starts being the great supporter, mostly after the destruction of the revolutionary organizations. It was to the family that they would turn for shelter, money, arrangements for leaving the country, not to mention affection and solidarity.

As prisons and banishments were increasing, women, by family relations of with people hurt by the regime, but also by solidarity and political commitment, communicated in search of a collective solution.

The concern was not only theirs. The arbitrary acts of the regime unraveled actions. This is something done with little articulation. Since 1972, progressive sectors of the Catholic Church give protection to political prisoners and report the State's violence. The personification of the resistance was the cardinal archbishop of São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, a fighter for the creation of the Comissão de Justiça e Paz (Commission of Peace and Justice). His team receives reports on tortures, supports family members, contacts political prisoners, visiting them regularly. The communication structure is composed by pastorals and Comunidades Eclesiais de Base (Cebs) – Basic Ecclesial

torturas, apóia familiares, contata presos políticos, visitando-os regularmente. A estrutura de comunicação formada pelas pastorais e Comunidades Eclesiais de Base (Cebs) facilita o fluxo de informações. Também a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) são trincheiras na luta pela volta das garantias constitucionais e pela liberdade de imprensa.

Em 1975, no governo do general Ernesto Geisel, cria-se, em São Paulo, o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA), primeiro movimento organizado na luta pela anistia aos perseguidos políticos, após 11 anos do regime de exceção. O MFPA foi fundado por Therezinha Godoy Zerbini, esposa de general atingido pela repressão do golpe militar de 1964, e iniciado por dez mulheres de classe média, entre profissionais liberais, estudantes e intelectuais. O MFPA expande-se pelo país com núcleos e atinge outras classes sociais. Sua importância não se deve tanto ao número de participantes, mas à repercussão do movimento de contestação na época em que manifestações eram estritamente proibidas.

O trabalho das mulheres reunidas em organização abre caminho para a resistência impedida de se manifestar e desmantelada pela repressão. A volta à legalidade ocorre em meio a riscos, perseguições e luta dos movimentos sociais de oposição e pelos partidos e organizações de esquerda. Um novo cenário político com forte presença da oposição se configurava neste momento com forte presença do MDB - que, a partir de 1974, passa a canalizar o descontentamento com o regime -, além do Movimento Estudantil, que busca a reabertura de suas entidades fechadas pela ditadura e se engaja na luta pelas liberdades democráticas. A imprensa alternativa também desempenha papel importante na denúncia das arbitrariedades e no desvendamento do falso "milagre econômico", peça-chave na propaganda política ditatorial.

Em 1978 é criado o Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), que também se organiza em núcleos pelo país, tornando-se referência na luta pela anistia ampla, geral e irrestrita e aglutinando em torno dessa bandeira praticamente a totalidade das organizações, entidades e movimentos de oposição e resistência de amplo espectro. O movimento ganha características de massa, na medida em que isso era possível naquele momento, por meio de um esforço de popularização da luta. A bandeira da anistia espalhava-se pelas ruas, casas, estádios de futebol, nas missas, em adesivos nos carros. O I Congresso Nacional pela Anistia, realizado em 1978, afirmou a luta pela supressão do aparato repressivo, a desativação dos

Communities (BECs) – which facilitates the flow of information. Also the Ordem dos Advogados do Brasil – Order of Lawyers of Brazil – (OAB) and the Associação Brasileira de Imprensa – Brazilian Press Association – (ABI) are trenches in the struggle for the return of constitutional warranties and freedom of press.

In 1975, during the government of General Ernesto Geisel, it is created, in São Paulo, the Movimento Feminino pela Anistia – Feminine Movement for Amnesty – (MFPA), the first movement organized in the fight for amnesty for the politically persecuted, after 11 years of a regime of exception. The MFPA was founded by Therezinha Godoy Zerbini, wife of a General struck by the repression of the Military Take Over of 1964, started by ten middle class women, among which freelancers, students and intellectuals. The MFPA expands itself throughout the country with core cells and it reaches other social classes. Its importance does not relay much on its number of participants, but on the repercussion of the contestation movement in a time where manifestations were strictly forbidden.

The work of the women gathered in the organization opened the way for the resistance impeached of manifesting and dismantled by the repression. The return of legality occur within a risky path, persecutions and the struggle of social movements of opposition and by leftwing parties and organizations. A new political scenery with a strong presence of the opposition had been laid out in this moment with the presence of the MDB - which, from 1974, starts to channel the discontentment with the regime -, plus the Students Movement that searched to reopen its entities shut down by the dictatorship and engages itself in the struggle for democratic freedoms. The alternative press had also played an important role in the report of the arbitrary acts and on the unveiling of the false "economical miracle", key-piece on the



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

centros de tortura oficiais, clandestinos ou militares e defendeu a responsabilização dos que, por meio de sua autoridade conferida pelo poder de polícia, praticaram torturas e assassinatos.

A defesa explícita dessas reivindicações se contrapunha ao projeto de anistia articulado pelo regime militar, que acenava para uma abertura "lenta e gradual", de caráter parcial, ou seja, não contemplava os acusados de "crimes de sangue", além de anistiar também os torturadores e seus comandantes contemplados com uma interpretação de "crimes conexos". Portanto, o projeto governamental dava mesmo peso àqueles que se opunham politicamente ao governo e àqueles que, se utilizando do aparato estatal, investigaram, prenderam, reprimiram e, muitas vezes, assassinaram em nome da "segurança nacional".

O debate é travado nos âmbitos institucionais, na imprensa, nas ruas. O regime utiliza-se de seu aparato para tentar apropriar-se, esvaziar e regular a bandeira da anistia adequando-a a seu projeto. A concepção de anistia no projeto ditatorial é construída sobre base argumentativa que a identifica com esquecimento, de que não pode ser concedida a todos os opositores, precisando-se analisar caso a caso, sob pena de "radicalizar", "comprometendo" o projeto de abertura.

Entraram em xeque na esfera pública duas concepções opostas e excludentes. De um lado, a anistia como resgate da memória e o consequente direito à verdade; de outro, anistia como esquecimento e pacificação, "reconciliação nacional". Esta última concepção foi a que prevaleceu no projeto de Lei nº 6683, aprovado no Congresso em 22 de agosto e promulgado em 28 de agosto de 1979.

Mesmo com a rejeição por parte do CBA ao projeto de anistia parcial, a aprovação da Lei acabou esvaziando em boa parte os movimentos pela anistia, instalando uma disputa entre as concepções de esquecimento e resgate da memória que chega aos nossos dias e para a qual ainda não se pode apontar um desfecho. Apesar de alguns avanços relativos na esfera institucional, ocorridos de maneira lenta, como instalação de comissões de mortos e desaparecidos, aprovação de leis de reparação aos perseguidos políticos e publicização de arquivos, não se conseguiu avançar para a apuração dos crimes de tortura e mortes e a responsabilização dos culpados, a exemplo do que vem acontecendo na Argentina e no Chile.

Os arquivos da repressão, especialmente os produzidos pelas Forças Armadas, ainda não foram abertos em sua

dictatorial political propaganda.

In 1978 it is created the Comitê Brasileiro pela Anistia – Brazilian Committee for Amnesty – (CBA), which also organizes itself in centers throughout the country, becoming a reference in the struggle for a broad, general and unrestricted amnesty and gathering around this idea practically the all of the organizations, entities and movements of broad spectrum oppositions and resistance. The movement gains mass character, up to the point where that was possible at that moment, by means of popularization of the struggle. The cause of amnesty spread through the streets, houses, football stadiums, messes, in bumper stickers. The I Congresso Nacional pela Anistia (I National Congress for Amnesty), happened in 1978, declared a war for the suppression repressive apparatus, the deactivation of the official, clandestine or military torture centers and defended the accountability by means of appointed with authority of police power of those who had practiced torture or murder.

The explicit defense of these claims opposed the amnesty project articulated by the military regime signal for a "slow and gradual" political opening, of a partial nature, therefore, which did not contemplate the accused of "blood crimes"; moreover it also gave amnesty to torturers and their commanders contemplated with the interpretation of "connected crimes". Hence, the governmental project, that gave the same importance to those who politically opposed the government and to those, who by making use of the State's apparatus, investigated, arrested, repressed and, many times, murdered in the name of "national security".

The debate on institutional levels, on the press, on the streets. The regime uses its apparatus to try to get a hold of, empty and regulate the cause of amnesty adapting it to its project. The concept of the amnesty in the dictatorial project is built on the argumentative basis which very well resembles oblivion, that it could not be granted to all opponents, making it necessary to analyze case by case, under penalty of being "too radical", "compromising" political openness.

There were two opposite and excluding conceptions in check in the public sphere. On one side amnesty as a redemption of memory and consequently the right to truth; on the other, amnesty as forgetfulness and pacification, "national reconciliation". That last conception was the one that prevailed in Bill number 6683, approved by Congress in August 22 and promulgated in August 28, 1979.

Even with the rejection by behalf of the CBA to the project of



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

totalidade. Há diversos documentos em caráter sigiloso ou com restrições. Os debates em torno de uma Comissão de Verdade, prevista no Plano Nacional de Direitos Humanos do Governo Federal, anunciado em 2010, para apurar os crimes cometidos pela ditadura, geraram forte reação por parte de integrantes das Forças Armadas e da grande imprensa que, muitas vezes, impossibilitou e impossibilita o debate, acusando os seus defensores de "revanchistas".

O produto desse esquecimento, marcado pela diluição da memória coletiva dos eventos da repressão - e compactuado não só pelas Forças Armadas, mas pelos governos legalmente constituídos, desde o final do regime militar, que desconsideraram sistematicamente os tratados internacionais de direitos humanos dos quais o país é signatário -, vem dando um caráter conservador para nossa transição política, feita sem rupturas e com base numa forjada "conciliação". Na esteira da não apuração e do esquecimento propaga-se uma cultura do terror, do extermínio, da impunidade e do sigilo, arraigada no aparelho policial e repressivo, mas também nas nossas instituições políticas e na criminalização de movimentos sociais na cidade e no campo, no monitoramento e repressão realizados às comunidades pobres.

A tortura ainda está entre nós e por muitos é considerada artifício normal para obtenção de informações e punição para crimes comprovados ou supostos porque, entre outras coisas, não trabalhamos a herança do período ditatorial. Trata-se de colocar em prática, como defendeu a filósofa Hannah Arendt, a transformação da vivência em experiência e de ambas em conhecimento compartilhado socialmente, em uma articulação que garanta o direito à memória e à produção crítica da história.

partial amnesty the approval of the Law ended up emptying in great part the movements for amnesty, creating a dispute between the intellectual conceptions of forgetfulness and redemption of memory that can be traced up until today and to which no one can yet surely point to an end. Despite some of the relative advances on the institutional sphere, occurred in a slow manner, as the installation of commissions for deceased and missing people, approval of reparation laws to politically persecuted and making public files, that did not managed to make progress in solving crimes of torture and death and the accountability of the guilty, as for the example of what is happening in Argentina and in Chile.

The files of the repression, especially those produced by the Armed Forces, were not yet completely open. There are several documents of a confidential nature or with restrictions. The debates round a Comissão de Verdade (Truth Commission), foreseen on the Plano Nacional de Direitos Humanos do Governo Federal (National Plan for Human Rights for the Federal Government), announced in 2010, to investigate crimes committed by the dictatorship, created a strong reaction on the part of the members of the Armed Forces and of the major press which, many times, had made impossible and makes impossible the debate, accusing its defenders of being "vindictive".

The product of this oblivion, marked by the dilution of the collective memory of events of repression - and colluding with not only the Armed Forces, but with legally constituted governments as well, since the end of the military regime, that have systematically disregarded the international treaties for human rights of which this country is subscriber of -, has been giving a conservative character to our political transition, made without ruptures and with its basis forged in a "conciliation". On the floor of the not solved and of the oblivion spreads a culture of horror, of termination, of impunity and the silence rooted into the Police and the repressive apparatus, but also on our political institutions and in the criminalization of social movements in the cities and in the country, in the monitoring and the repression preformed in the poor communities.

Torture is still among us and by many it is still considered a normal tool for obtaining information and punishment for confirmed crimes or alleged ones, because among other things, we have not worked our legacy from the dictatorial period. It is all about putting into practice, as defended the philosopher Hannah Arendt, the transformation of living in experience and of both in knowledge shared socially, in an articulation which guarantees the right to memory and the critical production of History.

A Anistia Possível da Lei 6.683/79

The Possible Amnesty of Law 6.683/79

David Barbosa de Oliveira
Advogado, Professor e Mestre em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

*David Barbosa de Oliveira
Lawyer, Professor e Master in Law by the Universidade Federal do Ceará (UFC)*

Em agosto de 1979, junto a uma ampla campanha publicitária, foi votada a Lei de Anistia, tão exigida pela oposição emedebista. A lei era polêmica, pois atingia ambos os lados, tanto os antes chamados subversivos, quanto os militares que prenderam, torturaram e mataram, além de não prever a volta aos quartéis dos militares cassados e reformados compulsoriamente. A anistia sempre foi uma tradição histórica no Brasil. “Em quase todos os momentos importantes da história nacional e em todas as suas fases, Colônia, Reino, Império e República, a anistia esteve presente. (...) se constata a existência de quase cem decretos de anistia¹. E assim seguiu-se por toda a História nacional: após uma revolução, havia sempre uma anistia e isso se deu até a última anistia da história nacional – a anistia da Lei 6.683/79.

Contudo, bem antes de 1979, e até mesmo do AI-5, algumas vozes já clamavam pela anistia. Em 1965, Carlos Heitor Cony já assinalava que “desde 1º de abril que o governo tem diante de si um dilema incontornável: ou processa e condena regularmente os milhares de acusados em todo o País; ou concede anistia². Mesmo entre os setores militares, havia vozes pró-anistia, como

In August of 1979, alongside with a broad advertising campaign, it was voted the Law of Amnesty, for so long demanded by the MDB opposition. The law was controversial, for it struck both sides, the so called subversives, as well as the militaries who arrested, tortured and killed them, as well as not foreseeing the return to the barracks of compulsory revoked and discharged militaries. Amnesty has always been a historical tradition in Brazil. “In almost all important moments of National History and on all its phases, Colony, Reign, Empire e Republic, amnesty has been present. (...) it has been found the existence of almost one hundred decrees of amnesty”. And it has so been this way all over National History: after a revolution, there would be always be an amnesty and this has been so until the last amnesty in National History – the Law of amnesty 6.683/79.

However, well before 1979, even before AI-5, some voices already claimed for amnesty. In 1965, Carlos Heitor Cony already pointed out that “since the 1th of April that the government has before itself an unavoidable dilemma: it either prosecutes and condemns regularly the thousands accused all over the Country; or grants amnesty”. Even among military sectors, there were voices

¹ MARTINS, Roberto Ribeiro. *Liberdade para os brasileiros: anistia ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 110.
² *Ibid.*, p. 123.

¹ MARTINS, Roberto Ribeiro. *Liberdade para os brasileiros: anistia ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 110.
² *Ibid.*, p. 123.

o general Pery Bevilácqua, em 1966, afirmando que “a nação não deve permanecer muito tempo dividida, entre vencedores e vencidos. (...) Sou por uma anistia ampla que abranja todos os cidadãos tidos como subversivos e como tal punidos, ou em vias de o ser, por motivos políticos”¹.

Desde fins de 1968, articulou-se uma “frente ampla” que pudesse reunir tanto setores da oposição quanto apoiadores do golpe, defendendo uma anistia geral, dissipando a atmosfera de guerra civil que existia no País. Essa “frente”, contudo, foi fechada com o AI-5, em abril de 1968. Ainda nesse ano, o deputado Paulo Marcani (MDB-SC) apresentou projeto que concedia anistia a todos os estudantes, trabalhadores e intelectuais punidos. Contudo, em 20 de agosto do mesmo ano, o projeto foi derrotado no Congresso. O passo definitivo para a anistia de 1979 foi, sem sombra de dúvida, a formação do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA), por iniciativa da advogada Terezinha Zerbini.

¹ibid., p. 123.



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

pro-amnesty, such as General Pery Bevilácqua, in 1966, affirming that “the nation should not be for long divided, between winners and losers. (...) I am for a broad amnesty that reaches all citizens considered subversives and punished as such, or soon to be, for political reasons”¹.

Since the end of 1968, it has been articulated a “broad front” which would reunite sectors of the opposition as well as supporters of the coup, in favor of a general amnesty, dissipating the civil war atmosphere that existed in the Country. This “front”, however, was shut down with the AI-5, in April of 1968. Still in that year, congressman Paulo Marcani (MDB-SC) presented a bill which granted amnesty to all students, workers and intellectuals punished, nevertheless, on August 20 of that same year, the bill was defeated in Congress. The ultimate step for the amnesty of 1979 was, without a shred of doubt, the formation of the Feminine Movement for Amnesty (MFPA), by the initiative of the lawyer Terezinha Zerbini.

¹ibid., p. 123.

It is certain that an amnesty, at that moment, would make it possible to reduce the pressure of the public opinion and at the same time disarticulate a large social movement revolving around prisoners of conscience². Hence, it was noticeable, at the time, that on all quadrants of the country other voices were being added in favor of amnesty.

Their claim does not come alone. It appears alongside with human rights defense, with the demands termination on acts of exception, with claims of democratic freedom. Thus, before every attempt against human rights, stronger grows the fight for amnesty³.

In this slow pace, the Constitutional Amendment number 1, of 1969, complicated even more this, for it moved from Congress to the head of the Executive⁴; the competency of the initiative to propose an amnesty law⁵, leaving to the opposition to ratify the bill of amnesty proposed by the government, considering that the majority of Parliament was Arenista. Before the amendment, it was of the Legislative the initiative of the bill of amnesty, even if it still needed presidential sanction.

In the end of the 70ies, the political and social juncture no longer fit passively authoritarian measures, showing the opposition to the military regime. Brazil was in an economical recession and the militaries did not enjoy of the same social prestige of the decade before. The word of order was redemocratization. “In 1978, the Congress voted for the end of AI-5, the end of prior censorship, on radio and on television, and the reestablishment of habeas corpus for political crimes”⁶. In 1979, General João Batista de Oliveira Figueiredo, former chief of SNI on Geisel’s government, is indirectly elected president. “Even though the economical problems were urgent, one of the first and most important decisions of Figueiredo was a political one”⁷. On the 27th of June of the same year, submitted to National Congress message number 59 on the following terms:

Dear Members of National Congress:

By starting the activities, the Government announced that the amnesty would have to be included amongst the priorities of the year in course. A new phase in Brazilian politics was

É certo que uma anistia, naquele momento, possibilitaria o desafogo da opinião pública, ao mesmo tempo em que desarticulava um amplo movimento social mobilizado em torno dos presos por motivo de opinião². Dai, perceber-se, à época, que por todos os quadrantes do país outras vozes iam se somando em favor da anistia.

A sua reivindicação não surge isolada. Aparece ao lado da defesa dos direitos humanos, da exigência do fim dos atos de exceção, dos reclamos de liberdade democrática. Assim é que, diante de cada atentado contra os direitos humanos, mais cresce a luta pela anistia³.

Neste lento caminhar, a Emenda Constitucional nº 1, de 1969, complicou ainda mais este processo, pois deslocou, do Congresso para o chefe do Executivo⁴, a competência da iniciativa para propor a lei de anistia⁵, cabendo à oposição apenas ratificar o projeto de anistia proposto pelo governo, haja vista que a maioria do plenário era arenista. Antes da emenda, era do Legislativo a iniciativa do projeto de lei de anistia, ainda que necessitasse da sanção presidencial.

No final dos anos 1970, a conjuntura política e social já não acomodava passivamente mais medidas autoritárias, evidenciando-se a oposição ao regime militar. O Brasil estava em recessão econômica e os militares já não gozavam do mesmo prestígio social da década passada. A palavra de ordem era redemocratização. “Em 1978, o Congresso votou o fim do AI-5, o fim da censura prévia, na rádio e na televisão, e o restabelecimento do habeas corpus para crimes políticos”⁶. Em 1979, o general João Batista de Oliveira Figueiredo, ex-chefe do SNI no governo Geisel, é indiretamente eleito presidente. “Embora os problemas econômicos fossem urgentes, uma das primeiras e mais importantes decisões de Figueiredo foi política”⁷. Em 27 de junho do mesmo ano, remeteu ao Congresso Nacional a mensagem nº 59 nos seguintes termos:

Excelentíssimos Senhores Membros do Congresso Nacional:

Ao dar início às atividades, o Governo anunciou que a anistia haveria de incluir-se entre as prioridades do ano em

¹ ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Petrópolis: Vozes, 1985, p. 268.

² MARTINS, Roberto Ribeiro. op. cit., p. 130. (Translator’s note.)

³ Sobre a legitimidade política desse ato, Pontes de Miranda enfatiza que “a anistia é medida tipicamente política. Se cabe aos presidentes, ou se cabe às assembleias, diz-se o grau de democracia do Estado.” PONTES DE MIRANDA, Francisco Cavalcanti. Comentários à Constituição de 1967; com a emenda nº 1 de 1969. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987, p. 46.

⁴ Após a emenda nº 1/69, a Constituição Federal de 1967, art. 57, passou a estabelecer que era “da competência exclusiva do Presidente da República a iniciativa das leis que: VI - concedam anistia relativa a crimes políticos, ouvido o Conselho de Segurança Nacional”.

⁵ CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 176.

⁶ SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo. 1964-1985. Tradução de Mário Salviano Silva. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 423.

¹ ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Petrópolis: Vozes, 1985, p. 268.

² MARTINS, Roberto Ribeiro. op. cit., p. 130. (Translator’s note.)

³ On the political legitimacy of this act, Pontes de Miranda emphasizes that “amnesty is a typically political measure. If it is up to presidents, or if it is up to the assemblies, shows the State’s degree of democracy of.” PONTES DE MIRANDA, Francisco Cavalcanti. Comentários à Constituição de 1967; com a emenda nº 1 de 1969. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987, p. 46.

⁴ After amendment number 1/69 Federal Constitution of 1967, art. 57 established that it was “of exclusive competence of the President of the Republic the initiative of the laws that: VI - grant relative amnesty regarding political crimes, considering National Security Council”.

⁵ CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 176.

⁶ SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo. 1964-1985. Tradução de Mário Salviano Silva. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 423.

curso. É que uma nova fase da política brasileira se inaugurava, fazia pouco, com a vigência da Emenda Constitucional nº 11¹⁰ e a consequente superação de um período que requerera procedimentos traumáticos e de caráter excepcional. (...) Consideramos ser este o momento propício à pacificação que não importe em renúncia às lutas partidárias inseparáveis do processo democrático, mas nasça da compreensão patriótica e se traduza em atos de coragem e determinação, em favor das soluções dos problemas brasileiros. A anistia é um ato unilateral de Poder, mas pressupõe, para cumprir sua destinação política, que haja, na divergência que não se desfaz, antes se reafirma pela liberdade, o desarmamento dos espíritos pela convicção da indispensabilidade da coexistência democrática. A anistia reabre o campo de ação política, enseja o reencontro, reúne e congrega para a construção do futuro e vem na hora certa. (...) Este, Senhores Congressistas, o projeto de anistia que, com fundamento no art. 57, item VI, combinado com o § 2º do art. 51 da Constituição Federal, envio à consideração de Vossas Excelências, na convicção de que pratico um ato significativo e profundo, o ato histórico da anistia, com a mesma serena confiança com que, na informalidade da vida cotidiana, estendo a mão à todos os brasileiros¹¹.

Após, então, a iniciativa do chefe do Executivo do projeto de lei nº 14, de 1979, o presidente do Congresso nomeou uma comissão mista, dando continuidade ao processo legislativo, a fim de emitir um parecer meramente opinativo, não obrigando a deliberação plenária sobre o projeto.

O projeto de anistia apresentado procurava claramente resguardar os interesses do governo durante a transição do poder, buscando evitar qualquer posterior punição dos militares pelos excessos cometidos nos anos de exceção. A anistia recíproca¹², proposta pelo governo, alcançava os dois lados até então opostos – os “subversivos” e os militares. A oposição (MDB) era claramente contra, por causa do abuso cometido pelos militares nos anos de exceção. Já alguns militares criticavam essa anistia porque implicava admitir que houvesse existido tortura. Observa-se, contudo, que essa anistia não era tão recíproca assim, pois excluía do pretenso esquecimento as

being inaugurated, it had been a little while, with the effectiveness of the Constitutional Amendment number 11¹⁰ and the consequent overcoming of a period that required traumatic procedures and of exceptional character. (...) We consider this being the appropriate moment for pacification regardless of party disputes inseparable to the democratic process, but born out the patriotic understanding which translate itself in acts of courage and determination, in favor of solutions to Brazilian problems. Amnesty is an unilateral act of Power, but it presupposes, in order to fulfill its political destination, may there be, on the unsettling dispute, prior reaffirms itself through freedom, the disarming of spirits by conviction of the indispensability of the democratic coexistence. Amnesty reopens the field of political action, motivates reunion, reunite and congregates for the construction of the future and comes at a right time. (...) This, Mister Congressman, the bill of amnesty which, based on art. 57, item VI, combined with § 2º of art. 51 of Federal Constitution, I submit to the consideration of Your Excellencies, certain that I exercise a meaningful and profound act, the historical act of amnesty, with the same serene confidence with which, in the informality of the daily life, extending a hand to all Brazilians¹¹.

After that, the initiative of the head of the Executive of bill number 14, of 1979, the president of Congress nominated a mixed commission, giving continuity to the legislative process, in order to submit merely a survey report, not demanding a parliamentary deliberation on the bill.

The amnesty bill presented sought clearly to safe keep the interests of the government during the transition of power, as to avoid any posterior punishment from the militaries by the abuses committed during the years of exception. The reciprocal amnesty¹², proposed by the government, reached both sided which were up until now opposites – the “subversives” and the militaries. The opposition (MDB) was clearly against, because of the abuses committed by the militaries in the years of exception. On the other hand some militaries criticize this amnesty for it implied that torture had existed. It may be seen, however, that this amnesty was not so reciprocal as a matter of fact, for it excluded a pretense forgetting regarding people who had practiced terrorism, heists,



Fotografia de Julio Le Parc | Julio Le Parc's picture

peças que tivessem praticado terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal.

O debate em plenário se resumiu aos dois parágrafos, do art. 1º, do referido projeto. O primeiro parágrafo¹³ considerava conexos aos crimes políticos os crimes de qualquer natureza relacionados com crimes políticos ou praticados por motivação política e o segundo excluía do benefício da anistia os condenados pela prática de crimes de terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal¹⁴. O parágrafo segundo do projeto atraiu ainda maiores atenções do que o primeiro e a ARENA não apresentou nenhuma emenda. Alguns deputados, como o

kidnaps and assaults.

The debate on parliament was summarized in two paragraphs, from 1st art., of the mentioned bill. The first paragraph¹³ considered connected to the political crimes whatever crimes politically related or with political motivation and the second excluded from the benefit of amnesty those condemned by practice of crimes of terrorism, heist, kidnapping and assaults¹⁴. The second paragraph of the bill attracted even more attention than the first and ARENA did not present any amendment. Some congressmen, such as the gaúcho congressman for MDB José Carlos Vasconcelos, presented suppressive amendments for §1st, excluding from amnesty, “for

¹⁰ A Emenda Constitucional promulgada, em 17 de outubro de 1978, revogou o Ato Institucional nº 5, assim como a outros atos.

¹¹ BRASIL. Congresso Nacional. Comissão Mista sobre Anistia. Anistia. Brasília: [Centro Gráfico do Senado Federal], 1982. Vol. 1, p. 22-24.

¹² Explicando esse termo, Carlos Fico afirma que “impedir o revanchismo – em sua expressão mais elementar diria respeito à punição de torturadores”. FICO, Carlos. A negociação parlamentar da anistia de 1979 e o chamado “perdão aos torturadores”. Disponível em: <<http://www.ppghis.ufcs.ufjf.br/media/torturadores.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2009.

¹³ The Constitutional Amendment promulgated, on October 17, 1978, revoked Institutional Act number 5, as well as the other acts.

¹⁴ BRASIL. Congresso Nacional. Comissão Mista sobre Anistia. Anistia. Brasília: [Centro Gráfico do Senado Federal], 1982. Vol. 1, p. 22-24.

¹⁵ Explaining this term, Carlos Fico asserts that “impeding rivalry – in its most elementary expression would mean punishment to torturers”. FICO, Carlos. A negociação parlamentar da anistia de 1979 e o chamado “perdão aos torturadores”. Disponível em: <<http://www.ppghis.ufcs.ufjf.br/media/torturadores.pdf>>. Accessed on: Jul. 21, 2009. (Translator's note.)

¹³ O primeiro parágrafo do projeto de anistia foi alvo das atenções dos congressistas, haja vista que “os parlamentares do MDB apresentaram 209 emendas ao projeto (de um total de 305). Dentre as 209, o partido submeteu 65 propostas de alteração do artigo 1º (as incluídas 9 emendas substitutivas que ofereciam um novo projeto na íntegra). Dessas 65, apenas 11 propunham a exclusão do perdão aos responsáveis pela repressão, 45 mantinham o benefício previsto no projeto de lei e 9 eram irresolutas. FICO, Carlos. op. cit.

¹⁴ Art. 1º - É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexos com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos Servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em Ato Institucional e Complementares (vetado). § 1º - Consideram-se conexos, para efeito deste artigo, os crimes de qualquer natureza relacionados com crimes políticos ou praticados por motivação política. § 2º - Excluem-se dos benefícios da anistia os que foram condenados pela prática de crimes de terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal. *Ibid.*, p. 24.

¹³ The first paragraph of the project of amnesty was the target of the attention of congressmen, considering “congressmen from MDB presented 209 amendments to the project (in a total of 305). Among the 209, the party submitted 65 propositions for altering article 1 (there included 9 substitutive amendments which offered a whole new project). Of these 65, only 11, proposed the exclusion of pardon to the responsible for the repression, 45 kept the benefit foreseen in the bill and 9 were irresolute. FICO, Carlos. op. cit. (Translator's note.)

¹⁴ Art. 1º - It is granted amnesty to all, who within the period comprehended between the 2nd of September of 1961 and the 15th of August of 1979, committed political crimes or connected to them, election crimes, to those who had their political rights suspended and to the servants of Direct and Indirect Administration, to adjoin foundations of government, to Servants of Legislative and Judiciary Powers, to Militaries and to union leaders and representatives, punished based on Institutional and Complementary Acts (vetted). § 1st - Must be considered connected, for the purpose of this article, crimes of any nature related to political crimes or practiced under political motivation. § 2nd - Must be excluded from the benefit of amnesty those who were condemned by the practice of crimes of terrorism, heist, kidnapping and assaults. *Ibid.*, p. 24. (Translator's note.)

parlamentar gaúcho pelo MDB, José Carlos Vasconcelos, apresentaram emendas supressivas do §1º, excetuando da anistia, "por serem crimes comuns, os que praticaram atos de intimidação, de sevícia, de torturas, que tenham ou não resultado morte, contra presos políticos"¹⁵. Já o deputado paraibano Ernani Satyro (ARENA), relator da Comissão, assinalou que "as propostas de punição dos torturadores buscavam punir a revolução"¹⁶.

A Comissão Mista poderia apresentar um projeto substituto ao do presidente Figueiredo e foi isso que o deputado Satyro fez. Esse projeto substituto era basicamente o mesmo projeto original do Presidente. Menos de uma semana após a aprovação, o projeto foi à discussão no plenário do Congresso Nacional.

Os ânimos estavam acirrados e o clima era tenso dentro e fora das galerias de discussão do Congresso¹⁷. O MDB, ante a impossibilidade de aprovar o seu próprio substitutivo, resolveu apoiar o projeto do deputado Djalma Marinho (ARENA – RN), que anistiava todos, tanto "torturadores" quanto "terroristas"¹⁸. O MDB cercou o projeto de Marinho, que teve também o apoio de outros arenistas. No entanto, foi derrotado por uma diferença de quatro votos.

Em agosto do mesmo ano, após ser aprovada pelo Congresso Nacional, a Lei de Anistia foi promulgada. Para Thomas Skidmore, a votação da Lei de Anistia

foi uma transação política. Os líderes da oposição sabiam que só podiam passar a um regime aberto com a cooperação dos militares. Poderia haver futuras tentativas de reabrir a questão, especialmente por parte daqueles mais próximos das vítimas da tortura. Mas por enquanto os políticos brasileiros receberam uma lição, para o melhor ou o pior, sobre a arte da "conciliação". Havia numerosos precedentes na história do Brasil¹⁹.

"Com o passar do tempo, estabeleceu-se a leitura de que o 'perdão aos torturadores' foi o preço a pagar para que a anistia fosse aprovada"²⁰. A anistia possível, no contexto da aprovação da lei, foi uma anistia sem voz, sem participação, cabisbaixa, como estavam a oposição e a sociedade brasileira. A transição política do regime autoritário para o regime democrático foi

being common crimes, those who practiced acts of intimidation, of services, of torture, had they or not resulted in death, against political prisoners"¹⁵. On the other hand the paraibano congressman Ernani Satyro (ARENA), Commission's referendary, pointed out that "the proposals for punishment of torturers seek to punish the revolution"¹⁶.

The Mix Commission could have introduced a substituting bill to President Figueiredo and it was that what congressman Satyro did. This substituting bill was basically the same as the original from the President. In less than a week after the approval, the bill was debated in parliament on National Congress.

The spirits were fierce and the atmosphere was tense in and out of the galleries of discussion in Congress¹⁷. MDB, facing the impossibility of approving their own substituting project, decided to support Djalma Marinho's (ARENA – RN) one, which amnestied all, both "torturers" as well as "terrorists"¹⁸. MDB surrounded Marinho's project which had the support of other arenistas, nonetheless, it was defeated by a difference of four votes.

In August of the same year, after being approved by National Congress, the Law of Amnesty had been promulgated. To Thomas Skidmore, the voting of the law of amnesty

was a political transaction. The leaders of the opposition knew that become an open regime with the cooperation of the militaries. There could be future attempts to reopen the matter, especially by those closer to the to the victims of torture. But for a while Brazilian politicians got a lesson, for better or worse, on the art of "conciliation". There were numerous precedents in the History of Brazil¹⁹.

"As time went by, it had been established a concept that the 'pardon to torturers' was the price to pay so that amnesty could be approved"²⁰. The possible amnesty, in the context of the approval of the law, was a voiceless amnesty, without participation, dispirited, as was the opposition and Brazilian society. The political transition from the authoritarian regime to the democratic regime was slow and full of concessions. Nonetheless, for a share of the evolved parts, during the opening process, amnesty was understood not as an end, but as a step to Brazilian redemocratization and for that reason several organs, such as the Order of the Advocates of Brazil (OAB) and the Feminist Movement For Amnesty (MFPA), were

lenta e cheia de concessões. Contudo, para parte dos envolvidos no processo de abertura, a anistia foi entendida não como um fim, mas como um passo para a redemocratização brasileira e, por isso, vários órgãos, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e o Movimento Feminista Pela Anistia (MFPA), foram favoráveis ao projeto de anistia como fora apresentado pelo presidente Figueiredo²¹.

Hoje, entretanto, qualquer discussão sobre anistia tem necessariamente que passar pela ideia de justiça de transição, ou seja, pelo processo que compreende o inteiro âmbito dos processos e mecanismos, com a intenção de enfrentar o legado de abusos do passado, assegurando responsabilidade, justiça e reconciliação²². Na Justiça de transição, a anistia é apenas um dos instrumentos para realizar a transição entre regimes, devendo ser somada, por exemplo, à comissões de memória e verdade. Neste contexto, deve-se afastar a ideia de anistia absoluta – ditada pela tradicional e histórica ideia de esquecimento dos fatos passados²³ – e priorizar as anistias condicionadas, posto que não eximem automaticamente de punição os atos cometidos. Por fim, uma questão permanece de pé: qual a anistia possível hoje e como a sociedade brasileira a construirá?

favorable to project of the amnesty as presented by President Figueiredo²¹.

Now a days, however, any discussion on amnesty has necessarily to go through the idea of transition justice, thus, by the process which comprehends the whole of sphere of the processes and mechanisms with the intention of facing the legacy of abuses from the past, assuring responsibility, justice and reconciliation²². In Transition Justice, amnesty is merely one of the instruments to accomplish the transition between regimes, it should also be added, for example, to commissions of memory and truth. In this context, one must perish the thought of absolute amnesty – dictated by the traditional and historical idea of oblivion of past facts²³ – and prioritizing conditioned amnesties, for they don't automatically free committed actions of punishment. To conclude, one question remains on the floor: which amnesty is possible today and how will Brazilian Society build it?

¹⁵ BRASIL, Congresso Nacional, op. cit., p. 77.

¹⁶ FICO, Carlos, op. cit.

¹⁷ "Na tarde do dia 21, um ato público em favor da anistia, na rampa do edifício do Congresso Nacional, foi dissolvido com bombas de gás lacrimogêneo." FICO, Carlos, ibid.

¹⁸ "Este aspas, porque nenhum dos dois era tipo penal. Não havia o crime de tortura, muito menos o de terrorismo."

¹⁹ SKIDMORE, Thomas, op. cit., p. 426.

²⁰ FICO, Carlos, op. cit.

¹⁵ BRASIL, Congresso Nacional, op. cit., p. 77.

¹⁶ FICO, Carlos, op. cit.

¹⁷ "In the Afternoon of the 21, a public act in favor of amnesty, on the ramp of the National Congress building, was dissolved with tear gas bombs." FICO, Carlos, op. cit. (Translator's note.)

¹⁸ "On quotes, for none were of the penal kind. There was no crime of torture, much less of terrorism."

¹⁹ SKIDMORE, Thomas, op. cit., p. 426.

²⁰ FICO, Carlos, op. cit.

²¹ Outros queriam que fossem chamados à responsabilidade os militares que deram sumiço a 197 brasileiros que, se acreditava, teriam sido assassinados pelas forças de segurança desde 1964. "Sobre muitos deles havia dossiês detalhados, inclusive relatos de outros presos que foram testemunhas oculares. Aqui a oposição tocava em um nervo exposto – o medo dos militares de que uma investigação judicial algum dia tentasse fixar responsabilidades pela tortura e morte dos prisioneiros." SKIDMORE, Thomas, op. cit., p. 424-425.

²² AMBOS, Kai, Justicia de transición: informes de América Latina, Alemania, Italia y España. AMBOS, Kai; MALARINO, Enzojuel e ELSNER, Gisela (Eds.). Justicia de transición: informes de América Latina, Alemania, Italia y España. Montevideo: Konrad Adenauer-Stiftung, 2009, p. 26.

²³ Vinícius Fox asserts que nestas anistias "o tempo decorrido tende a apagar da memória os fatos não documentados e não esclarecidos". TRIBUNADA, Vinícius Fox D. Cançado. Resenha: per non dementicare – uma análise das leis de auto-anistia na evolução jurisprudencial da corte Interamericana de direitos humanos. Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos, Fortaleza, vol. 8, nº 8, p. 281 – 292, 2008, p. 281.

²¹ Others wanted to hold the military accountable who disappeared with 197 Brazilian citizens who, it is led to believe, would had been murdered by the forces of National Security forces since 1964. "Regarding many of those had detailed dossiers, including statements of other prisoners who were eye witness. Here the opposition touched an exposed nerve – fear of the militaries of a legal investigation someday might try to hold them responsible for the torture and death of prisoners." SKIDMORE, Thomas, op. cit., p. 424 e 425. (Translator's note.)

²² AMBOS, Kai, Justicia de transición: informes de América Latina, Alemania, Italia y España. AMBOS, Kai; MALARINO, Enzojuel e ELSNER, Gisela (Eds.). Justicia de transición: informes de América Latina, Alemania, Italia y España. Montevideo: Konrad Adenauer-Stiftung, 2009, p. 26.

²³ Vinícius Fox states that in these amnesties "The time gone tends to erase from memory the non documented and non clarified facts". TRIBUNADA, Vinícius Fox D. Cançado. Resenha: per non dementicare – uma análise das leis de auto-anistia na evolução jurisprudencial da corte interamericana de direitos humanos. Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos, Fortaleza, vol. 8, nº 8, p. 281 – 292, 2008, p. 281. (Translator's note.)



Relato da Tortura de Frei Tito

*Friar Tito's Statement
on His Torture*

Este é o depoimento de um preso político, frei Tito de Alencar Lima, 24 anos. Dominicano (redigido por ele mesmo na prisão). Este depoimento escrito em fevereiro de 1970 saiu clandestinamente da prisão e foi publicado, entre outros, pelas revistas *Look* e *Europeo*.

Fui levado do presídio Tiradentes para a "Operação Bandeirantes", OBAN (Polícia do Exército), no dia 17 de fevereiro de 1970, 3ª feira, às 14 horas. O capitão Maurício veio buscar-me em companhia de dois policiais e disse: "Você agora vai conhecer a sucursal do inferno". Algernaram minhas mãos, jogaram me no porta-malas da perua. No caminho as torturas tiveram início: cutiladas na cabeça e no pescoço, apontavam-me seus revólveres.

Preso desde novembro de 1969, eu já havia sido torturado no DOPS. Em dezembro, tive minha prisão preventiva decretada pela 2ª auditoria de guerra da 2ª região militar. Fiquei sob responsabilidade do juiz auditor Dr. Nelson Guimarães. Soube posteriormente que este juiz autorizara minha ida para a OB sob "garantias de integridade física".

Ao chegar à OBAN fui conduzido à sala de interrogatórios. A equipe do capitão Maurício passou a acarear-me com duas

*This is the statement of a political prisoner, Friar Tito de Alencar Lima, 24 years old. Dominican (written by himself in prison). This statement written in February of 1970 left prison clandestinely and was published, among others, by the magazines *Look* and *Europeo*.*

I was taken from Tiradentes penitentiary to "Operation Bandeirantes", OBAN (Army Police), on the 17th of February 1970, Tuesday, at 2 p.m. Capitan Maurício came to get me in company of two police officers said: "Now you'll meet hell's branch office". They hand-cuffed me, and threw me in the trunk of van. On the way the tortures began: slashings in the head and neck, they held me at gun point.

Arrested since November 1969, I had already been tortured at DOPS. In December, I have had my preventive detention determined by second auditing of war of the 2nd military region. I was under the responsibility of auditing Dr. Nelson Guimarães. I have heard later that this judge would have authorized my going to the OB under "guarantees of physical integrity".

As I arrived to OBAN I was taken to the interrogation chamber. Captain Maurício's crew started interrogating me with two people. The subject was UNE's Congress in Ibiúna, on October of 1968. They

peessoas. O assunto era o Congresso da UNE em Ibiúna, em outubro de 1968. Queriam que eu esclarecesse fatos ocorridos naquela época. Apesar de declarar nada saber, insistiam para que eu “confessasse”. Pouco depois levaram me para o “pau-de-arara”. Dependurado nu, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e na cabeça. Eram seis os torturadores, comandados pelo capitão Maurício. Davam-me “telefones” (tapas nos ouvidos) e berravam improperios. Isto durou cerca de uma hora. Descansei quinze minutos ao ser retirado do “pau-de-arara”. O interrogatório reiniciou. As mesmas perguntas, sob cutiladas e ameaças. Quanto mais eu negava mais fortes as pancadas. A tortura, alternada de perguntas, prosseguiu até às 20 horas. Ao sair da sala, tinha o corpo marcado de hematomas, o rosto inchado, a cabeça pesada e dolorida. Um soldado carregou-me até a cela 3, onde fiquei sozinho. Era uma cela de 3 x 2,5m, cheia de pulgas e baratas. Terrível mau cheiro, sem colchão e cobertor. Dormi de barriga vazia sobre o cimento frio e sujo.

Na quarta-feira fui acordado às 8 horas. Subi para a sala de interrogatórios onde a equipe do capitão Homero esperava-me. Repetiram as mesmas perguntas do dia anterior. A cada resposta negativa, eu recebia cutiladas na cabeça, nos braços e no peito. Nesse ritmo prosseguiram até o início da noite, quando serviram a primeira refeição naquelas 48 horas: arroz, feijão e um pedaço de carne. Um preso, na cela ao lado da minha, ofereceu-me copo, água e cobertor. Fui dormir com a advertência do capitão Homero de que no dia seguinte enfrentaria a “equipe da pesada”.

Na quinta-feira, três policiais acordaram-me à mesma hora do dia anterior. De estômago vazio, fui para a sala de interrogatórios. Um capitão cercado por sua equipe voltou às mesmas perguntas. “Vai ter que falar senão só sai morto daqui”, gritou. Logo depois vi que isto não era apenas uma ameaça, era quase uma certeza. Sentaram-me na “cadeira do dragão” (com chapas metálicas e fios), descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. Dois fios foram amarrados em minhas mãos e um na orelha esquerda. A cada descarga, eu estremecia todo, como se o organismo fosse se decompor. Da sessão de choques passaram-me ao “pau-de-arara”. Mais choques, pauladas no peito e nas pernas a cada vez que elas se curvavam para aliviar a dor. Uma hora depois, com o corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e reanimado. Conduziram-me a outra sala dizendo que passariam a carga elétrica para 220 volts a fim de que eu falasse “antes de morrer”. Não chegaram a fazê-lo. Voltaram às perguntas, batiam em

would like me to clarify that facts occurred at that time. Despite declaring knowing nothing of sorts they insisted that I “confessed”. After a while they took me to the “parrot’s perch”. Hanging naked, hands and feet tied, I got electric shocks, from dry batteries, on the tendons of feet and on the head. There were six torturers, under the command of Capitan Maurício. They would give me “telephones” (slaps on both ears simultaneously) and yell foul language. This lasted for over an hour. I rested for fifteen minutes after being removed from the “parrot’s perch”. The interrogation restarted. The same questions, under slashings and threats. The more I denied the harder were the beatings. The torture, alternated with questions, lasted until 8 p.m. When I left the room, I had a body full of bruises, a swollen face, a heavy and aching head. A soldier carried me to cell 3, where I was alone. It was a 3 x 2,5m cell, filled with fleas and roaches. Terrible smell, no mattress nor blanket. I slept on an empty stomach on cold dirty cement.

On Wednesday I was awoken at 8. I went up to the interrogation chamber where Captain Homero’s crew awaited me. They repeated the same questions from the day before. To every negative answer, I received slashings in the head, arms and chest. At this pace they proceeded until nightfall, when they served our first meal on those 48 hours: rice, beans and a piece of meat. A prisoner, on the cell next to mine, offered me a cup, water and a blanket. I went to sleep with a warning from Captain Homero that on the following day I would face the “hardcore crew”.

On Thursday, three police officers awoke me at the same hour as the day before. On an empty stomach, I went to the interrogation chambers. A captain surrounded by his crew went back to the same questions. “You’ll have to talk or else you’ll only leave here dead”, he shouted. Soon after I saw this was not just a threat, it was a guarantee. They sat me on the “dragon’s chair” (with metal plates and wires) discharged shocks on my hands, feet, ears and head. Two wires were tied to my hands and one to my left ear. On every charge, I trembled completely, as if my body were to decompose. From the shock sessions they took me to the “parrot’s perch”. More shocks, bludgeon hits to the chest and to the legs every time they bent to relieve the pain. One hour later, with the body all wounded and bleeding, I fainted. I was untied and reanimated. They took me to another room saying they would turn the electric chart to 220 volts so that I would speak “before I died”. They didn’t actually do it. They went back to the questions, they beat my hands with ferule. My hands went black and swollen, up to a point where closing them couldn’t be possible. New bludgeon hits. It was impossible to know which part of the body hurt the most; everything seemed butchered. Even if I wanted to, I couldn’t answer



Frei Tito, senhora não identificada, Paulo César Botas, Frei Mariano e Frei Giovanni, Poços de Caldas, MG, Quaresma de 1969
Friar Tito, unidentified lady, Paulo César Botas, Friar Mariano and Friar Giovanni, Poços de Caldas, MG, Lent of 1969

minhas mãos com palmatória. As mãos ficaram roxas e inchadas, a ponto de não ser possível fechá-las. Novas pauladas. Era impossível saber qual parte do corpo doía mais; tudo parecia massacrado. Mesmo que quisesse, não poderia responder às perguntas: o raciocínio não se ordenava mais, restava apenas o desejo de perder novamente os sentidos. Isto durou até às 10 horas, quando chegou o capitão Albernaz.

“Nosso assunto agora é especial”, disse o capitão Albernaz, ligou os fios em meus membros. “Quando venho para a OB - disse - deixo o coração em casa. Tenho verdadeiro pavor a padre e para matar terrorista nada me impede... Guerra é guerra, ou se mata ou se morre. Você deve conhecer fulano e sicrano (citou os nomes de dois presos políticos que foram barbaramente torturados por ele), darei a você o mesmo tratamento que dei a eles: choques o dia todo. Todo ‘não’ que você disser, maior a descarga elétrica que vai receber”. Eram três militares na sala.

the questions: my thoughts could no longer be put into order, all I had left was the desire to once again lose my senses. This lasted until 10 a.m. when Captain Albernaz arrived.

“Our topic now is special”, said Captain Albernaz, he connected the wires to my limbs. “When I come to OB – he said – I leave my heart at home. I really hate priests and when it comes to killing terrorists nothing stops me... war is war, you either kill or be killed. You must know this person or that person (naming two political prisoners who were barbarically tortured by him), I will give you the same treatment I gave them: shocks every day. To every ‘no’ you say, the higher the electric charge you’ll get”. There were three military officers in the room. One of them yelled: “I want names and locations (personal addresses)”. When I answered: “I don’t know” I received an electric charge so strong, directly from the socket, that I suffered a loss of control of my physiological functions. Captain Albernaz wanted me to tell where Friar Raton was. As I didn’t know,

Um deles gritou: "Quero nomes e aparelhos (endereços de pessoas)". Quando respondi: "não sei" recebi uma descarga elétrica tão forte, diretamente ligada à tomada, que houve um descontrole em minhas funções fisiológicas. O capitão Albernaz queria que eu dissesse onde estava o Frei Ratton. Como não soubesse, levei choques durante quarenta minutos.

Quería os nomes de outros padres de São Paulo, Rio e Belo Horizonte "metidos na subversão". Partiu para a ofensa moral: "Quais os padres que têm amantes? Por que a Igreja não expulsou vocês? Quem são os outros padres terroristas?". Declarou que o interrogatório dos dominicanos feito pelo DEOPS tinha sido "a toque de caixa" e que todos os religiosos presos iriam à OB prestar novos depoimentos. Receberiam também o mesmo "tratamento". Disse que a "Igreja é corrupta, pratica agiotagem, o Vaticano é dono das maiores empresas do mundo". Diante de minhas negativas, aplicavam-me choques, davam-me socos, pontapés e pauladas nas costas. À certa altura, o capitão Albernaz mandou que eu abrisse a boca "para receber a hóstia sagrada". Introduziu um fio elétrico. Fiquei com a boca toda inchada, sem poder falar direito. Gritaram difamações contra a Igreja, berraram que os padres são homossexuais porque não se casam. Às 14 horas encerraram a sessão. Carregado, voltei à cela onde fiquei estirado no chão.

Às 18 horas serviram jantar, mas não consegui comer. Minha boca era uma ferida só. Pouco depois levaram-me para uma "explicação". Encontrei a mesma equipe do capitão Albernaz. Voltaram às mesmas perguntas. Repetiram as difamações. Disse que, em vista de minha resistência à tortura, concluíram que eu era um guerrilheiro e devia estar escondendo minha participação em assaltos a bancos. O "interrogatório" reiniciou para que eu confessasse os assaltos: choques, pontapés nos órgãos genitais e no estômago, palmatórias, pontas de cigarro no meu corpo. Durante cinco horas apanhei como um cachorro. No fim, fizeram-me passar pelo "corredor polonês". Avisaram que aquilo era a estreia do que iria ocorrer com os outros dominicanos. Quiseram me deixar dependurado toda a noite no "pau-de-arara". Mas o capitão Albernaz objetou: "Não é preciso, vamos ficar com ele aqui mais dias. Se não falar, será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis". "Se sobreviver, jamais esquecerá o preço de sua valentia".

Na cela eu não conseguia dormir. A dor crescia a cada momento. Sentia a cabeça dez vezes maior do que o corpo. Angustiava-me a possibilidade de os outros padres sofrerem o mesmo. Era preciso pôr um fim àquilo. Sentia que não iria

I got stunned for forty minutes.

He wanted the names of other priests of São Paulo, Rio and Belo Horizonte "involved in subversion". He struck with moral offenses: "Which of the priests have lovers? Why didn't the Church expelled you? Who are the other terrorist priests?". He declared that the interrogation of the Dominicans made by DEOPS had been done "much too hastily" and that all religious prisoners would go to OB to provide new statements. They would receive the same "treatment". He said "the Church is corrupt, practices shylocking, the Vatican is the owner of largest corporations in the world". After presenting my denials, they gave me electric shocks, punched, kicked and hit me in the back with sticks. At a certain point, Captain Albernaz told me to open my mouth "so that I could receive the holy communion wafer". He introduced an electrical wire. My mouth was all swollen, and I couldn't speak straight. They screamed defamations against the Church, shouting that priests were homosexuals because they didn't marry. At 2 p.m. they closed the session. Lifted, I went back to my cell where I laid still on the floor.

At 6 p.m. they served dinner, but I couldn't eat. My mouth was one single wound. A while later they took me for an "explanation". I met Captain Albernaz's same team. They returned to the same questions. Repeated the defamations. They told me, that in view of my resistance to torture, we had concluded that I was a member of the guerrilla and that I was hiding my roll in bank heists. The "interrogation" restarted so that I confess to the heists: shocks, kick on genitals and on stomach ferules, cigarette ashes through my body. For five hours I got beat up like a dog. In the end, they made me "run the gauntlet". They told me that was the debut for all other Dominicans. They wanted to leave me hanging all night on the "parrot's perch". But Captain Albernaz objected: "That won't be necessary, we will stay here with him for a few more days. If he doesn't talk, he will be broken on the inside, for we know how to do things without leaving visible marks ". "If he survives, he shall never forget the price of his bravery".

In the cell I couldn't sleep. The pain grew at every moment. I felt the head ten times bigger than the body. It anguished me the possibility of other priests suffering the same. It was necessary to put an end to it all. I felt I couldn't take the prolonged suffering. There was only one solution: I had to kill myself.

In the cell full garbage, I found an empty can. I started sharpening its edge on the cement. The prisoner next to me had foreseen my decision and asked me calm down. He had suffered more than I had (he had his testicles smashed) and had not reached

aguentar mais o sofrimento prolongado. Só havia uma solução: matar-me.

Na cela cheia de lixo, encontrei uma lata vazia. Comecei a amolar sua ponta no cimento. O preso ao lado pressentiu minha decisão e pediu que eu me acalmasse. Havia sofrido mais do que eu (teve os testículos esmagados) e não chegara ao desespero. Mas no meu caso, tratava-se de impedir que outros viessem a ser torturados e de denunciar à opinião pública e à Igreja o que se passa nos cárceres brasileiros. Só com o sacrifício de minha vida isto seria possível, pensei. Como havia um Novo Testamento na cela, li a Paixão segundo São Mateus. O Pai havia exigido o sacrifício do Filho como prova de amor aos homens. Desmaiei envolto em dor e febre.

Na sexta-feira fui acordado por um policial. Havia ao meu lado um novo preso: um rapaz português que chorava pelas torturas sofridas durante a madrugada. O policial advertiu-me: "O senhor tem hoje e amanhã para decidir falar. Senão a turma da pesada repete o mesmo pau. Já perderam a paciência e estão dispostos a matá-lo aos pouquinhos". Voltei aos meus pensamentos da noite anterior. Nos pulsos, eu havia marcado o lugar dos cortes. Continuei amolando a lata. Ao meio-dia tiraram-me para fazer a barba. Disseram que eu iria para a penitenciária. Raspei mal a barba, voltei à cela. Passou um soldado. Pedi que me emprestasse a "gillete" para terminar a barba. O português dormia. Tomei a gillete. Enfiei-a com força na dobra interna do cotovelo, no braço esquerdo. O corte fundo atingiu a artéria. O jato de sangue manchou o chão da cela. Aproximei-me da privada, apertei o braço para que o sangue jorrasse mais depressa. Mais tarde recobrei os sentidos num leito do pronto-socorro do Hospital das Clínicas. No mesmo dia transferiram-me para um leito do Hospital Militar. O Exército temia a repercussão, não avisaram a ninguém do que ocorrera comigo. No corredor do Hospital Militar, o capitão Maurício dizia desesperado aos médicos: "Doutor, ele não pode morrer de jeito nenhum. Temos que fazer tudo, senão estamos perdidos". No meu quarto a OB deixou seis



Foto de Frei Tito no título eleitoral, 1968 | Picture of Friar Tito on electoral card, 1968

desperation. But in my case, it was all about preventing others from being tortured and reporting to the public opinion and to the Church the what was going on in Brazilian prisons. Only through the sacrifice of my life this would be possible, I thought. Since there was a New Testament in the cell, I read the Passion according to Saint Mathews. The Father had demanded the sacrifice of The Son as proof of love to men. I fainted in taken by fever and pain.

On Friday I was a awaken by a police officer. There was a new prisoner by my side: a Portuguese young man who cried for the tortures he had suffered during the night. The police officer warned me: "You sir have until today and tomorrow to decide to talk. Or else the hardcore crew will rough you up the same way again.

They've lost their patience and they are willing to kill you bit by bit". I went back to my thoughts of the night before. On the wrists, I had already marked the spot of the cuts. I kept sharpening the can. At midday took me to shave. They told me I would be removed to the penitentiary. I barely shaved my beard, went back to the cell. A soldier walked by. I asked him to lend me a "Gillette" so that I could finish shaving. The Portuguese man slept. I took the razor. And shoved it hard into elbows' the inner fold, on the left arm. The deep cut hit the artery. The splash of blood stained cell floor. I got closer to the toilet, and squeezed my arm so that the blood would flow faster. Later I regained consciousness on a bed

at the emergency room at Hospital das Clínicas. On the same day they transferred me to a bed on the Military Hospital. The Army feared the repercussion, they told no one of what had happened to me. On the corridor of the Military Hospital, Captain Maurício told desperately to the doctors: "Doctor, he mustn't die at any circumstance. We must do everything, or else we are lost". In my room OB left six soldiers on guard.

On Saturday, they started psychological torture. They would say: "The situation now will worsen for you, considering you're a suicide and a terrorist priest. The Church will cast you out ". They wouldn't let me rest. Spoke all the time, gambled, told weird stories.

soldados de guarda.

No sábado, teve início a tortura psicológica. Diziam: "A situação agora vai piorar para você, que é um padre suicida e terrorista. A Igreja vai expulsá-lo". Não deixavam que eu repousasse. Falavam o tempo todo, jogavam, contavam-me estranhas histórias. Percebi logo que, a fim de fugirem à responsabilidade de meu ato e o justificarem, queriam que eu enlouquecesse.

Na segunda noite recebi a visita do juiz auditor acompanhado de um padre do Convento e um bispo auxiliar de São Paulo. Havia sido avisados pelos presos políticos do presídio Tiradentes. Um médico do hospital examinou-me à frente deles mostrando os hematomas e cicatrizes, os pontos recebidos no hospital das Clínicas e as marcas de tortura. O juiz declarou que aquilo era "uma estupidez" e que iria apurar responsabilidades. Pedi a ele garantias de vida e que eu não voltaria à OB, o que prometeu.

De fato fui bem tratado pelos militares do Hospital Militar,

I soon realized, in order to evade the responsibility of my act and justify it, they wanted to drive me insane.

On the second night I got a visit from the auditing judge followed by a priest from the Convent and an auxiliary bishop from São Paulo. They had been warned by the political prisoners from Tiradentes penitentiary. A doctor from the hospital examined me in front of them showing bruises and scars, stitches received in Hospital das Clínicas and torture marks. The judge declared that was "an stupidity" and that he would look into finding responsible for that. I requested warranties of life and that I would not have to return to the OB, which he promised.

In fact I was well treated by the officers on the Military Hospital Militar, except for those of the OB which were keeping guard in my room. The Vincentian sisters gave all the necessary assistance. But the judge's promise wasn't delivered. On Friday the 27th, I was taken in the morning to the OB. I remained in a cell until the end of the afternoon without eating. I felt dizzy and weak, because I had lost a lot of blood and my wounds had begun to heal. At night they



Frei Giorgio Callegari, Frei Maurício (João Antônio Caldas Valença) e Frei Tito, Poços de Caldas, MG, Quaresma de 1969
Friar Giorgio Callegari, Friar Maurício (João Antônio Caldas Valença) and Friar Tito, Poços de Caldas, MG, Lent of 1969

handed me back to Tiradentes Penitentiary.

It is needed to say that what occurred to me was no exception, it is the rule. Rare are the political prisoners who had not suffered tortures. Many, such as Schael Schneiber and Virgílio Gomes da Silva, died in torture chambers. Others became deaf, sterile or acquired other handicap. The hopes of these prisoners lays on the Church, the only Brazilian institution out of Military-State control. Her mission is: to defend and promote human dignity. Where there is a man suffering, it is the Master who suffers. It is the time that our bishops set an END to the tortures and injustices promoted by the regime before, it's too late.

The Church must not omit herself. The evidence of torture we carry in our bodies. If the Church does not manifest herself against this situation, who will? Or is it necessary that I die so that some action is taken? In a moment like this silence is an omission. If speaking up is a risk, a greater one is a statement. The Church exists as a sign of the sacrament of God's Justice on the world.

"We do not want, brothers, that thou ignore the tribulation has come upon us. We were ill treated beyond measure, beyond our strength, to brink of losing hope of ever leaving with our lives. We felt within ourselves the sentence of death: that has been in such a way that we may know where to place our confidence, not on ourselves, but in God, who resurrect the dead" (2Cor, 8-9).

I make these accusations and this appeal in order to avoid the sad news of another dead by tortures.

Frei Tito de Alencar Lima, OP
February 1970

exceto os da OB que montavam guarda em meu quarto. As irmãs vicentinas deram-me toda a assistência necessária. Mas não se cumpriu a promessa do juiz. Na sexta-feira, dia 27, fui levado de manhã para a OB. Fiquei numa cela até o fim da tarde sem comer. Sentia-me tonto e fraco, pois havia perdido muito sangue e os ferimentos começavam a cicatrizar-se. À noite entregaram-me de volta ao Presídio Tiradentes.

É preciso dizer que o que ocorreu comigo não é exceção, é regra. Raros os presos políticos brasileiros que não sofreram torturas. Muitos, como Schael Schneiber e Virgílio Gomes da Silva, morreram na sala de torturas. Outros ficaram surdos, estéreis ou com outros defeitos físicos. A esperança desses presos coloca-se na Igreja, única instituição brasileira fora do controle estatal-militar. Sua missão é: defender e promover a dignidade humana. Onde houver um homem sofrendo, é o Mestre que sofre. É hora de nossos bispos dizerem um BASTA às torturas e injustiças promovidas pelo regime, antes que seja tarde.

A Igreja não pode omitir-se. As provas das torturas trazemos no corpo. Se a Igreja não se manifestar contra essa situação, quem o fará? Ou seria necessário que eu morresse para que alguma atitude fosse tomada? Num momento como este o silêncio é omissão. Se falar é um risco, é muito mais um testemunho. A Igreja existe como sinal e sacramento da justiça de Deus no mundo.

"Não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio. Fomos maltratados desmedidamente, além das nossas forças, a ponto de termos perdido a esperança de sairmos com vida. Sentíamos dentro de nós mesmos a sentença de morte: deu-se isso para que saibamos pôr a nossa confiança, não em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos" (2Cor, 8-9).

Faço esta denúncia e este apelo a fim de que se evite amanhã a triste notícia de mais um morto pelas torturas.

Frei Tito de Alencar Lima, OP
Fevereiro de 1970



Os Artistas

The Artists



Julio Le Parc

Nasceu em 1928, em Mendoza, Argentina. Mudou-se para a França em 1958, onde reside até os dias de hoje. Foi um dos fundadores do GRAV -

Groupe de Recherche d'Art Visuel, contribuindo com os novos contornos da arte cinética. Recebeu o prêmio internacional Di Tella, na Argentina. Em 1966, o Primeiro Grande Prêmio de Pintura na Bienal de Veneza. No ano seguinte, participa da IX Bienal de São Paulo e recebe a Ordem do Cavaleiro das Artes de André Malraux, Ministro da Cultura da França. O poeta Pablo Neruda escreve sobre o amigo Julio Le Parc. Com exposições consagradas durante todos esses anos em muitos países, inclusive no Brasil, Le Parc caminha em uma estrada de luzes em movimento.



Julio Le Parc

Born in 1928, in Mendoza, Argentina. Moved to France in 1958, where he resides until today. Was one of the founders of GRAV - Groupe de Recherche d'Art Visuel, contributing with the new contours of kinetic art. Awarded the international Di Tella prize in Argentina. In 1966, the First Great Painting Prize in The Venice Biennial Award. In the following year, he takes part on São Paulo's IX Biennale Award and receives the Order of Knight of the Arts from André Malraux, Minister of Culture in France. The poet Pablo Neruda writes about his friend Julio Le Parc. With well known and successful exhibitions along all these years in many countries, including Brazil, Le Parc walks along a road of moving lights.



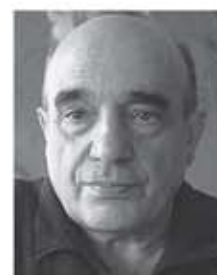
Gontran Guanaes Netto

Nasceu no Brasil, na cidade de Vera Cruz, em 1933. Morou na França durante 16 anos consecutivos. Expõe em individuais e coletivas desde 1955,

no Brasil e em muitos outros países. Tem painéis muralistas em defesa da arte pública em duas estações de metrô em São Paulo. É membro da Associação Internacional de Artistas Plásticos da UNESCO. Foi professor do Instituto Central de Artes de Brasília, de História da Arte e Gravura na Universidade de Paris e de Artes Plásticas na Universidade de Nantes, na França. É membro fundador do Espaço Latino Americano de Paris. Foi vice-presidente do Museu Contra o Apartheid, instituído pela Organização das Nações Unidas.

Gontran Guanaes Netto

Born in Brazil, in the city of Vera Cruz, in 1933. Lived in France for 16 consecutive years. He exhibits individual and collectively since 1955, in Brazil and many in many other countries. He has muralist boards in defense of public art in two subway stations in São Paulo. Member of UNESCO's International Visual Artists' Association. He has been a professor of do Instituto Central de Artes de Brasília (Brasília's Central Institute of Arts), of History of the Art and engraving on the University of Paris and e the Painting at the University of Nantes, in France. Founding member of the Latin American Space in Paris. He has been the vice-president of the Museum Against the Apartheid, instituted by Organization of the United Nations.



Alejandro Marcos

Nasceu em 1937, na cidade de Salamanca, Espanha. Residiu na Argentina de 1949 a 1963, e em Paris desde esse período. Participou de

exposições de grande relevância, especialmente nos continentes Americano e Europeu. Especialmente para a Bienal de Paris, em 1967, e a Interamericana de Havana, onde obteve o prêmio de gravura em 1968 e 1970. Artista atuante no cenário contemporâneo, Alejandro Marcos amplia os horizontes da arte através da gravura, da pintura e de outras manifestações artísticas.



Alejandro Marcos

Born in 1937, in the city of Salamanca, Spain. Resided in Argentina from 1949 to 1963, and in Paris since that period. Participated in exhibitions of great relevance, especially in the American e European continents. Specially for the Biennale in Paris, in 1967, and the Havana's Interamerican, where he was awarded the prize for engraving in 1968 and 1970. An acting artist on the present scenario, Alejandro Marcos broaden the horizons of art through engraving, painting and other artistic manifestations.



Jose Gamarra

Nasceu no Uruguai, em 1934. Estudou na Escola de Belas Artes de Montevideo. Entre 1959 e 1963, estudou gravura no Museu de Arte

Moderna e no Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro. Foi professor de pintura na Escola Moderna da Fundação Álvares Penteado em São Paulo. Reside na França, desde 1964. Apresentou seus trabalhos em exposições individuais e suas obras fazem parte de coleções públicas de museus na América Latina, Estados Unidos e Europa. Participou de importantes coletivas e individuais em muitos lugares do Brasil e do mundo: São Paulo, Belo Horizonte, Paraná, Porto Alegre, Montevideo, Chile, Caracas, Espanha, Nova York (MoMA), Washington, Buenos Aires etc. Também participou de várias bienais: Paris, Córdoba, Tóquio e Argentina.



Jose Gamarra

Born in Uruguay, in 1934. Studied on Montevideo's School of Fine Arts. Between 1959 and 1963, he studied engraving on the Museum of Modern Art and the Fine Art Institute of Rio de Janeiro. He was a painting professor on Escola Moderna da Fundação Álvares Penteado in São Paulo. He resides in France, since 1964. He presented his works in individual exhibitions and his pieces are part of a public collection in museum on Latin America, United States and Europe. He has participated on important exhibitions collective and individually in many places in Brazil and in the world: São Paulo, Belo Horizonte, Paraná, Porto Alegre, Montevideo, Chile, Caracas, Spain, Nova York (MoMA), Washington, Buenos Aires etc. He has also participated on several biennials: Paris, Cordoba, Tokyo and Argentina.

As Obras de Arte

Works of Art



JULIO LE PARC



JULIO LE PARC



GONTRAN GUANAES NETTO



GONTRAN GUANAES NETTO



ALEJANDRO MARCOS



ALEJANDRO MARCOS



JOSE GAMARRA

